

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Vanessa Cancian Silva

Relatório sobre o livro-reportagem

“TAMBOR, PEQUI E AS CORES DO CERRADO”

Bauru
2014

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Vanessa Cancian Silva

Relatório sobre o livro-reportagem

“TAMBOR, PEQUI E AS CORES DO CERRADO”

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Bauru
2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Departamento de Ciências Humanas
(orientador)

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Departamento de Comunicação Social

Ms. Fábio Fleury

Rádio Unesp

AGRADECIMENTOS:

Obrigada a minha família, por tudo. Em especial a minha mãe, por ter parado o ônibus que me levaria ao aeroporto e ao meu pai, por ter me dado asas necessárias para que eu voasse (pra qualquer que fosse o destino).

Obrigada Max, pela paciência como um orientador que ouviu minhas histórias e prometeu um dia fazer essa mesma viagem. E ao professor Juarez, por ser capaz de inspirar ideias mirabolantes e por ter aparecido na hora certa durante a minha graduação.

Dedico também às meninas que viveram comigo essa vida diferente, me ensinando o que era um cotidiano cheio de diversidade. Obrigada por ouvirem meus batuques e desabaços sobre as descobertas que esse TCC me proporcionou. E obrigada também por todo o resto, que não sou capaz de nomear com palavras.

Obrigada ao Pávio de Candieiro e ao Segunda de Primeira, por me permitirem viver a cultura popular em Bauru com eu não conhecia. Vocês fizeram essa trajetória mais especial.

Dedico finalmente a todos os personagens que apareceram nas histórias e na minha vida, fazendo desse trabalho uma jornada sem volta. A esse país incrível e ao seu povo que dança, canta e faz arte e cultura em qualquer que seja a circunstância. Gratidão por fazer parte disso.

O que seria apenas um trabalho de conclusão de curso, se desdobrou em possibilidades maiores, nas quais hoje eu enxergo a minha vida de outro modo. Entre os encontros e desencontros durante os anos de Unesp, foi aqui que eu me encontrei.

*Antes o mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje o mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabólicamará
Ê, volta do mundo, camará
Ê, mundo dá volta, camará
Gilberto Gil - brasileiro*

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
O tema e sua relação com o jornalismo	7
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
Da produção e linguagem	9
Cultura dentro da comunicação	11
DESENVOLVIMENTO.....	14
As palavras para contar.....	14
Imagens mais que palavras	15
CONSIDERAÇÕES	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

APRESENTAÇÃO

O tema e sua relação com o jornalismo

A cultura popular brasileira se apresenta de forma diversa e múltipla de acordo com distintas regiões do país. Diversidade e amplitude são palavras que podem ser utilizadas para pontuar tal fenômeno que se dá no Brasil. Durante a graduação de jornalismo, pouco se fala sobre esse tema, ou mesmo sobre como trabalhar a comunicação através da perspectiva da cultura, sobretudo, a cultura popular.

Com a finalidade de conhecer mais esse vasto campo de pesquisa, surgiu a ideia de construir como trabalho de conclusão de curso um livro-reportagem relacionado a um evento de cultura popular que acontece anualmente na Vila de São Jorge, em Alto Paraíso, Goiás.

O trabalho “Tambor, Pequi e as Cores do Cerrado – fragmentos da nossa cultura popular”, feito sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente foi elaborado a partir de uma viagem em busca de concretizar pesquisas a respeito do XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros realizado em julho de 2012, no local acima citado.

A organização do evento acontece há treze anos no mesmo lugar, idealizado por um grupo de entusiastas e pesquisadores da cultura brasileira, em busca de ampliar a divulgação de manifestações e fortalecer aspectos culturais da região e do país como um todo.

Em busca de compreender o caráter antropológico da cultura popular brasileira, sintetizada em um evento que reúne diversas formas de manifestações trazidas de todas as regiões do país, o livro se constrói na narrativa em primeira pessoa, com a finalidade de transmitir as sensações reais proporcionadas pelo acontecimento.

O trabalho realizado com cultura brasileira dentro da Unesp, principalmente na disciplina de Jornalismo Especializado, motivou a pesquisa desse tema, em busca de ampliar o conhecimento de características fundamentais da formação da identidade nacional.

Como proposta principal desse trabalho se encontra a disponibilização das experiências e conhecimentos vividos naquele local durante os dias de evento, sob uma ótica na qual se torne possível conhecer mais a fundo o país em que vivemos. Definida por Darcy Ribeiro (2006), a diversidade cultural brasileira é gerada desde sua fundação, pelo surgimento de um povo que já nasceu da confluência e do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros negros africanos e, dessa forma, o produto pretende compreender os fenômenos culturais de uma pátria fundamentada na diversidade, permitindo que o resultado dessa formação cultural, através dessas informações cheguem ao leitor, provocando inquietações e curiosidades.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Da produção e linguagem

A escolha pelo formato de livro-reportagem se deu devido à necessidade de liberdade na realização das pesquisas e entrevistas sobre o evento, uma vez que se tratava de um objeto de estudo de certa forma desconhecido devido a localização geográfica do mesmo.

O jornalismo de grande reportagem se apresenta assim como uma ferramenta ideal, uma vez que, a finalidade principal do trabalho é a busca por transpor o leitor para o local e a realidade que foi vivenciada. Dessa forma, convergir aspectos literários do jornalismo por meio de palavras e expressões, onde as opiniões e as impressões do pesquisador se evidenciem, aproxima dos aspectos factuais da experiência apresentada.

Dessa forma, o jornalismo interpretativo explicado abaixo por Cremilda Medina intensifica a noção da necessidade que encontrei de transmitir os acontecimentos de maneira a evidenciar que estava de fato participando de cada um dos momentos narrados.

Na passagem de um jornalismo puramente informativo para o jornalismo interpretativo, as linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia registra o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um sentido desse *aqui* num círculo mais amplo, reconstitui o *já* no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um *estar acontecendo*. (MEDINA, 1973, p. 7. Grifos da autora)

Por se tratar de um evento pontual, ocorrido entre os dias 15 a 28 de julho de 2012, esse período representou parte fundamental da investigação e, sobretudo, da vivência no objeto de pesquisa. Além de se tratar de um momento onde a programação preparada reservava uma série de atividades durante todos os dias e noites, a pesquisa representou a imersão em um cotidiano distinto e singular, muito diverso do habitual. Com isso, a

fundamentação de tal aspecto do produto se pauta principalmente no *New Journalism* de Tom Wolf, uma vez que as ferramentas do jornalismo factual se tornam não suficientes para transmitir esse tipo de informação, onde há a necessidade de ampliar as possibilidades linguísticas e de conteúdo.

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, do outro. Esse caminho chegaria a bom termo como o *new journalism*. Os profissionais que passaram a produzir nessa corrente – que Tom Wolfe recusa a chamar de movimento – abriram uma porta de possibilidades vastas, primeiro em publicações periódicas e depois no livro-reportagem.

(LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas*. São Paulo, Unicamp, 1995, p. 191)

A leitura de obras dos jornalistas literário Gay Talese e Truman Capote, surgidos junto à revolução iniciada no trabalho jornalístico de Tom Wolf dá a possibilidade de construir narrativas sutis, onde o jornalismo se apresenta de maneira intrínseca ao enredo das histórias que foram construídas no livro-reportagem.

Além do chamado jornalismo literário, quando estive participando do evento e muitas vezes me vi imersa, e representada como mais um dos personagens que o local possuía. Ressaltando assim, as características do Jornalismo Gonzo, criado por Hunter Thompson, que fundamentam reportagens e obras onde o que seria apenas observador passa a compor a história. Durante as atividades, foi preciso que eu saísse do campo de observação e passasse a interagir de maneira real com as pessoas e circunstâncias ocorridas na vila.

Produzir um livro-reportagem implica em uma série de escolhas que vão desde a opção pelo tema, passando pela forma de construir as entrevistas, o projeto gráfico e todos os demais detalhes jornalísticos ou artísticos que irão compor tal produto. Entre essas implicações, a forma de construir o discurso narrativo e se esse estará ou não pautado na imparcialidade. Essa questão toca na discussão teórico-jornalística que pude presenciar durante todo o curso, onde a imparcialidade, muitas vezes é exigida ou cobrada.

Segundo Clovis Rossi:

“Inexiste Imparcialidade em uma produção jornalística uma vez que cada profissional possui um *background* diferente, ou seja, o conhecimento de mundo associado à formação intelecto cultural de cada jornalista é pessoal, e apesar de não intencional, ele é aderido às entrelinhas da matéria.”
(LAJE, 2001, p.111)

Ao longo da produção de “Tambor, Pequi e as Cores do Cerrado”, pude evidenciar que a construção de uma grande-reportagem, sobretudo, quando há a intensa imersão dentro da temática escolhida, o ser imparcial inexistente. Ademais, nesse caso, quando mais tempo eu passei em contato com o objeto de estudo, me via ligada as manifestações e a rotina do evento, enxergando nele uma possibilidade de explorar e viver uma realidade nova e inédita. Indo ainda além do evento, ao retornar, busquei estar em constante contato com a cultura popular em Bauru, procurando mecanismos que me permitissem compreender e continuar partilhando de tal realidade em qualquer lugar que estivesse.

Cultura dentro da comunicação

Quando se trata da temática contida no produto, outra imersão, dessa vez nas questões existenciais que permeiam o campo da cultura se apresentou como ferramenta fundamental do processo. Compreender a relação que há entre a sociedade e o conceito de cultura, por meio de leituras que fundamentam o termo como a perspectiva apresentada por Denys Cuche (2002) onde se tem a particularidade da cultura de cada povo (suas conquistas intelectuais, artísticas e morais) constituindo o patrimônio de uma nação, sua expressão mais essencial, sendo também o que lhe distingue das demais.

Não se tratava apenas de buscar referências na convergência do jornalismo e da literatura, senão, da construção de saberes ligado a um universo pouco explorado dentro da universidade e da grade do curso de comunicação social. Pois, pouco há dentro do curso dedicação a trabalhos ou disciplinas que abordem a importância do conhecimento do folclore brasileiro,

capazes de desmistificar a visão mitológica dessa ciência fundamental para a compreensão da formação da cultura e seus mais diversos aspectos.

A missão de escrever um livro-reportagem sobre um evento de cultura tradicional, entendendo que a palavra tradicional aborda de forma ampla as manifestações constituídas em um Brasil fundamentado na mistura de povo compreende também aprofundar as concepções limitadas de cultura que estão intrínsecas ao senso comum.

Ir para esse lugar do Brasil, e participar de um evento que representa de maneira intensa a cultura do norte e do nordeste e também do país como um todo, provocou em mim a sensação de ser estrangeiro dentro da minha própria terra, vivenciada a partir da descoberta de culturas diversificadas que, muitas vezes ficam restritas as regiões onde se manifestam. Fernando Ortiz (1983) fundamenta o vocábulo transculturação a partir do processo de transição de uma cultura para outra, de forma que neste processo não consista somente em adquirir uma cultura diferente, mas onde se implica também a perda de uma cultura anterior por meio da absorção de novas influências. Essa concepção aparece de forma frequente no evento, uma vez que os diversos grupos presentes, sobretudo, as etnias indígenas, em uma via de mão dupla ensinam e aprendem com a troca de conhecimentos.

A tarefa jornalística de captar a essência do objeto de estudo ultrapassou o choque de realidade vivenciado em São Jorge. Mais do que uma produção que continha em seu caráter a coleta de informações, imagens e a documentação de um evento de cultura tradicional, o Encontro passou a representar uma busca pela minha verdadeira identidade, fazendo com que fosse necessário compreender mais além das teorias práticas da profissão, ideias de pensadores que explicassem a essência do evento e das sensações por mim vivenciadas.

A leitura de Stuart Hall fomentou para que parte desse compreender fosse iniciado:

A identidade torna-se a celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) O sujeito

assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. (HALL, 2001, p.13)

Complexa e peculiar, o estudo da diversidade cultural brasileira também está ligado a ideia de François Bernard (2005, p. 78) que propõe perceber a “diversidade cultural simultaneamente como uma questão e como uma resposta: uma questão incessantemente formulada e lancinante sobre o que ela poderia ser e uma resposta que, sem cessar, encontra, inventa e encontra-se. Onde o diverso cultural só se torna o que ele é na prova desta dupla luta incessante com o biodiverso e com ele mesmo (com o outro e o múltiplo das culturas)”. (BERNARD, 2005, p.76)

DESENVOLVIMENTO

As palavras para contar

“O gonzo é a representação mais sincera do jornalismo, pois a experiência do repórter, às vezes vale muito mais que um simples relato.”

(Julio Magalhães)

Trabalhar com a temática da cultura popular em contraponto ao jornalismo se apresentou um trabalho de certa forma minucioso e complexo, pois, grande parte das manifestações culturais dessa área não compõem e tampouco se apresentam na chamada grande mídia.

Como forma de aproximar as pesquisas que seriam realizadas presencialmente, antes da viagem houve o contato prévio com a equipe de comunicação, responsável pela cobertura do evento. Ademais, o contato com a organização através de e-mail e telefone auxiliou para que as entrevistas e a permanência junto aos participantes fossem facilitadas.

A criação do enredo narrativo do livro-reportagem foi feita partir da coleta, em cada dia de realização do evento, de entrevistas e fotografias captadas tinham como fundamento a imersão no cenário local. Durante os quinze dias de estadia na Vila de São Jorge, aos poucos tive a oportunidade de conhecer o funcionamento da logística, as atrações, os organizadores e grande parte das pessoas que trabalhavam para que o Encontro acontecesse. Assim, narrações de descobertas, entrevistas ao acaso e acontecimentos inesperados compuseram o eixo principal do trabalho.

O contato direto com o multiculturalismo brasileiro agregou ao trabalho a exigência continua de compreender o Brasil e a identidade do povo brasileiro por meio das manifestações culturais além do olhar,

E o que eu entendo como cultura vai muito além do âmbito restrito e restritivo das concepções acadêmicas, ou de ritos de liturgia de uma suposta “classe artística e intelectual” (...) Cultura como usina de símbolos de um povo. Cultura como o sentido dos nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos. (GIL, 2003)

A metodologia aplicada na produção do livro-reportagem consistiu na criação e busca por pautas e entrevistas que seriam relevantes para a temática abordada. O descobrimento do evento se deu dia após dia, durante sua execução e o contato constante com os produtores e organizadores permitiu que a agenda de pessoas a serem entrevistadas fosse aos poucos sendo criada.

Durante a aplicação das técnicas de entrevista, o cuidado com relação às entrevistas com diferentes grupos de cultura popular era uma ferramenta fundamental. Pois, diferente de artistas midiáticos, esses grupos representam através da arte sua forma de viver e de enxergar o mundo, sendo de responsabilidade do pesquisador, tecer a entrevista de forma não invasiva e preconceituosa.

Entrevistas com grupos, organizadores, participantes, moradores da vila e pessoas que em algum momento se fizeram presentes no cotidiano dos dias passados em São Jorge colaboraram para a construção do produto.

O evento pautado inteiramente na preservação do patrimônio cultural imaterial brasileiro influenciou para que as diversas entrevistas e relatos acontecessem de maneira inesperada, uma vez que a riqueza das histórias e dos acontecimentos poderia ser encontrada em qualquer lugar e não somente atrás dos palcos ou perante agendamento prévio com aqueles que davam nome à programação.

Imagens mais que palavras

Na construção da identidade visual do livro “Tambor, Pequi e as Cores do Cerrado”, as técnicas utilizadas pela designer responsável por auxiliar nessa etapa de elaboração foram desenvolvidas através de intensa imersão no objeto de estudo. Por meio de reuniões, apresentação das imagens e todo material audiovisual, foi possível conciliar a construção visual do livro com a produção textual.

No plano da fotografia, as imagens escolhidas pretendem, primeiramente, criar a perspectiva de ambientação do local. E, na hora de captar os momentos durante as festividades e entrevistas em busca de facilitar

o acesso aos locais e a algumas pessoas, estar junto a equipe de comunicação facilitava o processo.

As fotografias foram tomadas por mim, ainda que, em diversos momentos fosse necessário a prévia autorização e o consenso da pessoa ao ser fotografado. Por isso, a permissão antecipada era solicitada, cumprindo os pilares éticos das ferramentas de comunicação que eu tinha em mãos.

A cultura popular brasileira sofre com a falta de divulgação e de reconhecimento pelos meios de comunicação mais presentes na vida da população. Dessa forma, o contato com o objeto de estudo teve que ser trabalhado, na volta da viagem, com a viabilização de pesquisas e participando de cursos, oficinas e demais atividades para aprofundar o conhecimento despertado no Encontro. Pude perceber que sabia pouco do assunto e mais ainda, pouco havia vivenciado, uma vez que, detectei ser fundamental a vivência real quando há a necessidade e vontade de aprender cultura popular.

A opção de produzir um livro-reportagem a partir dos relatos captados em um evento pontual fez com que a parte de produção em si, transcrição de entrevistas, vídeos, e anotações fosse executada durante o período de volta. Sobretudo, a vasta programação do Encontro de Culturas e a necessidade de entender o processo do que é realizado nesse local colocou como objetivo durante as pesquisas presenciais, aproveitar ao máximo o tempo, como única forma de compreender a princípio a realidade encontrada.

O conteúdo fotográfico foi elaborado durante os dias em que o evento se realizou por meio da cobertura factual dos acontecimentos. A opção por imagens que ilustram e dimensionam a diversidade cultural vivenciada no local tem como objetivo principal transmitir visualmente parte do variado repertório que compunha a programação.

As fotografias escolhidas buscam representar a cultura através de seu sentido mais amplo. Como algo que vai além do significado usual de palavra. “Num sentido antropológico são todos os saberes, fazeres, pensares. Tudo aquilo que mexe com o imaginário. Tudo aquilo que carrega essa marca da ação da sociedade, do homem” (MANEVY, 2010, Produção Cultura Viva¹)

O projeto gráfico, elaborado em parceria a Lunar Comunicação, por conta de se tratar de uma área que não há grande desenvolvimento dentro do curso de jornalismo. Para compor essa etapa, do “Tambor, Pequi e as Cores do Cerrado, a escolha do nome se tratou do ponta pé inicial na criação.

Houve a necessidade de, juntamente com as imagens do evento fomos criando uma atmosfera visual que envolvesse o texto e as fotografias de forma unificada. Ademais, a escolha das cores compõe também parte fundamental da produção. E, nesse caso se tratou de uma extensão das cores encontradas nas imagens.

A natureza de cor acobreada por conta do clima e da vegetação, junto as cores do pôr do sol e da poeira levantando marcaram intensamente o visual do livro. Tanto nas realizações do evento, quanto na paisagem da vila de São Jorge, predomina o alaranjado, por isso, essa escolha se ve representada em toda a composição do livro.

As fontes escolhidas foram calibre para os blocos de textos e para a fonte principal, que separa os capítulos, a fonte Jango. Nesse caso, se trata de uma grafia que trás toda a personalidade para o projeto com características da cultura indígena, quilombola, ou seja, brasileira.

Com a finalidade de integrar textos e imagens, algumas ilustrações foram criadas, também inspiradas na paisagem do local, em busca ressaltar e valorizar a natureza do cerrado.

CONSIDERAÇÕES

A iniciativa de organizar um evento como esse, fundamentado em aspectos como a Convenção da Unesco, auxilia na preservação patrimônio cultural imaterial brasileiro representa uma forma relevante de promover a cultura e reforçar a identidade de grupos tradicionais que constituem o país.

Pude notar, observando o dia-a-dia das pessoas envolvidas, que o trabalho árduo realizado, envolve desde a captação de recursos, passando pela organização e finalmente a materialização de algo com vasta proporção apresentada pelo Encontro, se baseia na luta pelo respeito à diversidade cultural brasileira:

A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados. (Convenção para a Promoção e Proteção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco, 2005)

A programação se alterava em diversos momentos devido a problemas logísticos ou mesmo por questões pessoais de alguns grupos. Acompanhando de perto tais fatores, pude perceber que quando se trata de cultura popular, delimitar horários e uma grade fixa de programação se torna uma tarefa complicada, uma vez que se está lidando com a vulnerabilidade de uma grande quantidade de pessoas.

Um ponto a ser discutido com relação ao objeto de estudo está relacionado ao caráter alegórico de certos grupos que se apresentaram, ou seja, em alguns momentos, a impressão de que se tratava de apenas uma forma superficial de inclusão de determinadas comunidades somente para exhibir seus festejos, sem discutir a fundo a realidade social daquele povo.

Ademais, muitas das manifestações apresentadas na vila, para os grupos representava mais do que apenas mais uma apresentação, ou seja, a

cultura popular, muitas vezes é aquilo que as pessoas vivem e fazem em seus cotidianos, muito além de uma intervenção artística em um evento pontual. Por isso, muitas vezes havia atrasos ou o tempo delimitado se estendia, causando certo desconforto na organização que tinha uma série de atividades a ser cumprida em determinado período de tempo.

Com relação à cobertura feita pela imprensa, quando se trata de cultura popular a dedicação de tempo e espaço é mínima. Por conta disso, o evento não conta com a divulgação e o apoio da mídia, que favorece conteúdos mercadológicos. Assim como dentro do espaço acadêmico da Unesp, a dedicação maior das disciplinas é direcionada ao mercado de trabalho e não a formação crítica do aluno.

Alguns personagens presentes nas reportagens também apareceram de forma espontânea durante a execução do Encontro, pois, uma série de acontecimentos repentinos que se passaram na Vila, adicionavam entrevistados aleatórios que, ao final, apresentam resultados satisfatórios de acordo com a narrativa encontrada.

Por isso, encontrar caminhos para compreender que há diversas outras formas de se fazer comunicação, ou mesmo que há pessoas trabalhando em prol da manutenção da diversidade cultural brasileira através de comunidades tradicionais me fez entender o quão restrita é a nossa realidade no estado de São Paulo.

O evento representou para mim, de início um objeto de estudo em na área de jornalismo, ainda que, com o passar dos dias pude perceber que cada vez mais essa é a área que mais me interessa, não apenas como um alvo de pesquisas e questionamentos, mas, principalmente como foco do meu trabalho profissional.

Estudando mais a fundo as questões de identidade nacional,

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. A identidade nacional é representada como primordial – “está lá, na verdadeira natureza das coisas”, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser acordada de sua longa, persistente e misteriosa sonolência, para assumir sua inquebrável existência. (HALL Apud.Gellner, 1983, p. 48)

A partir dessa compreensão, pude encontrar no evento minha verdadeira identidade, ampliando a forma de enxergar o Brasil no campo da cultura e sobretudo da riqueza cultural existente em todas as regiões. Passei a olhar com outros olhos e a reconhecer em mim a identidade de brasileira, traçando paralelos do Encontro de Culturas com manifestações que existem na minha região.

Entre as considerações que poderiam fundamentar um Trabalho de Conclusão de Curso, em minha opinião, mais do que isso, as experiências vividas se São Jorge foram além da formação necessária para que eu me graduasse. Essa viagem me colocou pela primeira vez em contato com a possibilidade visualizar projetos dentro do meio da produção cultural, despertando também a ideia de seguir essa área da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORTIZ, Fernando. El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba. Comentário: Livia Reis (UFF)
DO FENÔMENO SOCIAL DA "TRANSCULTURAÇÃO" E DE SUA IMPORTÂNCIA EM CUBA

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro, 11ª reimpressão. Companhia das Letras, 2006 São Paulo.

BERNARD, François. Por uma definição do conceito de diversidade cultural. In: Diversidade cultural: globalização e culturais locais: dimensões, efeitos e perspectivas/ Leonardo Brant, organizador. Editora Escrituras: Instituto Pensarte, 2005, São Paulo. p. 73-81

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru. EDUSC, 2002.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

Sites:

Convenção Sobre a Proteção e Promoção Diversidade das Expressões Culturais <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>. Acessado em 15/12/2013.

Encontro de Culturas - www.encontrodeculturas.com.br, Acessado em Dezembro/janeiro (2013/2014)

Heranças do Jornalismo Gonzo: aproximações entre jornalismo e literatura na imprensa contemporânea, **Capítulo III – O JORNALISMO GONZO**, Disponível em: <http://www.jornalismogonzo.xpg.com.br/cap3.htm>. Acessado em Dez, 2013

O que é Cultura? Primeiro vídeo da série Viva Cultura Viva, produzido pelo Ministério da Cultura. Gilberto Gil, Juca Ferreira, Célio Turino, entre outros debatem a cultura e suas questões. Segundo Alfredo Manévy, secretário executivo do MinC: "A cultura vai além das artes". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IBOtGyZrIE>

**“Tambor, Pequi e as
Cores do Cerrado”**
uma viagem sobre a cultura
popular brasileira.

TAMBOR, PEQUI E AS CORES DO CERRADO uma viagem sobre a cultura popular brasileira.



Livro-reportagem produto do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” orientado pelo Prof. Dr. Maximiliano Martins Vicente do Departamento de Ciências Humanas.



Orientador:

Maximiliano Martins Vicente

Fotografia:

Vanessa Cancian Silva

Projeto Gráfico e Editoração:

Lunar Comunicação

Ilustração:

Ana Lidia Aquino

Gráfica:

Impricolor

Dados: Vanessa Cancian Silva

Livro-reportagem produto do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” orientado pelo Prof. Dr. Maximiliano Martins Vicente do Departamento de Ciências Humanas. Bauru, 2014.



Dedicatória

Dedico esse livro a minha **família**, por tudo. Em especial a minha **mãe**, por ter parado o ônibus que me levaria ao aeroporto e ao meu **pai**, por ter me dado asas necessárias para que eu voasse (pra qualquer que fosse o destino).

Obrigada **Max**, pela paciência como um orientador que ouviu minhas histórias e prometeu um dia fazer essa mesma viagem. E ao professor **Juarez**, por ser capaz de inspirar ideias mirabolantes e por ter aparecido na hora certa durante a minha graduação.

Dedico também às **meninas** que viveram comigo essa vida diferente, me ensinando o que era um cotidiano cheio de diversidade. Obrigada por ouvirem meus batuques e desabafos sobre as descobertas que esse TCC me proporcionou. E obrigada também por todo o resto, que não sou capaz de nomear com palavras.

Dedico ao **Pavio de Candiero** e ao **Segunda de Primeira**, por me permitirem viver a **cultura popular** em **Bauru** com eu não conhecia. Vocês fizeram essa trajetória mais especial.

Dedico finalmente a todos os personagens que apareceram nas histórias e na minha vida, fazendo desse trabalho uma jornada sem volta. A esse país incrível e ao seu povo que dança, canta e faz arte e cultura em qualquer que seja a circunstância.

Gratidão por fazer parte disso.

Chuva e sol, poeira e carvão
Longe de casa, sigo o roteiro
Mais uma estação, e a alegria no coração
(Luiz Gonzaga, A Vida do Viajante)



Sumário

Prefácio:: Como A Vila Veio Parar Em Bauru.....	13
Primeiro:: A Mina Fechou.....	15
Pra chegar ao Goiás, Goiânia.....	18
Acolhida.....	23
Marie.....	27
De dia na Vila.....	28
A Aldeia, agora mais de perto.....	34
O começo oficial.....	38
Na Associação.....	50
Conto do Vigário.....	51
Uma ciranda para terminar.....	53
A prosa séria.....	57
Professor que pensa diferente.....	59
O Brasil Quilombola.....	61
Esse quilombo tem uma rainha.....	68
O pouso certo.....	71
Tocantins na Pousada da Socorro.....	74
Garimpão, Fiandeira e Garimpo da Preguiça.....	78
Alimentar o Brasil.....	82
Os Tambores lá do Tocantins.....	84
Ponto do Encontro.....	91
Traços da América Latina.....	99
Catireiros do Araguaia.....	104
Vindos de longe e de perto.....	110
Coco, samba e bamba.....	113
Doroty e a Turma que Faz.....	116
Conhecendo os Xavantes.....	120
Quem sonha e realiza.....	124
Está dentro de cada um	126
Idas e vindas.....	130
Glossário.....	134

PREFÁCIO

Como a Vila veio parar em Bauru.

Um dia, há alguns meses, um professor que eu estimo muito me disse que o nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) deveria ser algo como uma pasta, onde tivéssemos anexados tudo aquilo que havíamos feito durante os anos de universidade. Trabalhos, viagens, experiências e aprendizados diversos. Segundo ele, isso provaria mais do que qualquer outra coisa o que de fato aprendemos, as experiências que vivemos pelo caminho e tantas outras coisas que acontecem quando começa esse período universitário. Mas, infelizmente ou felizmente, as coisas acontecem de forma diferente, e quando chegamos ao fim do terceiro ano (início do quarto) começamos loucamente a procurar temas que nos interessem a ponto de nos dedicarmos por muito tempo sobre eles. Comigo não foi diferente, mas acho que o tema do meu TCC me encontrou, e tudo que aconteceu depois disso, foi meio que a somatória das experiências que vivi até esse dia, somado a algo muito maior, que eu vou deixar para contar nos próximos capítulos.

Tudo começou quando uma amiga, que mora comigo desde o primeiro ano da faculdade, sabendo do meu interesse pelos temas da cultura brasileira, comentou sobre um evento que acontecia anualmente na Chapada dos Veadeiros em Goiás. Eu sabia um pouco sobre o lugar, quase nada sobre como se chegava lá, absolutamente nada sobre o evento e a dimensão de sua grandiosidade.

Foi nesse momento, logo depois que ela me comentou do assunto, comecei a pesquisar na internet, e soube que o nome era: Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Acessei o site e vi que o negócio era sério mesmo, e a cada clique que eu dava nas páginas dos eventos anteriores, mais eu sentia que deveria ir, em busca inicialmente apenas de um TCC, mas aberta para conhecer tudo que o Encontro podia me proporcionar como jornalista e mais ainda, como gente.

Ainda que o tema tivesse me convencido logo no início, chegar até o lugar onde o evento se realiza não era uma tarefa das mais fáceis. Mas, uma promoção aérea me ajudou a encurtar as distâncias e rumar para o Centro-Oeste do país no começo do mês de julho 2012 – mês no qual o evento sempre acontece.

Também era necessário nesse momento acontecer certo desprendimento com a família e aqueles que esperavam que eu estivesse por perto no mês em que normalmente as férias nos brindam com encontros e confraternizações. A decisão de ir estava tomada, e no fundo eu sentia que algo muito maior me aguardava.

O Encontro de Culturas parecia ser a porta de ingresso para uma nova realidade que a partir de então eu viveria. Na hora de ir, o inesperado e o acaso seriam os principais companheiros de viagem. No Livro Noites no Sertão, Guimarães Rosa diz “Vida era coisa desesperada”, e essa sensação de desespero por algo bom, por descobrir a vida em um Brasil que eu não conhecia batia a cada minuto de preparo antes de partir.

PRIMEIRO



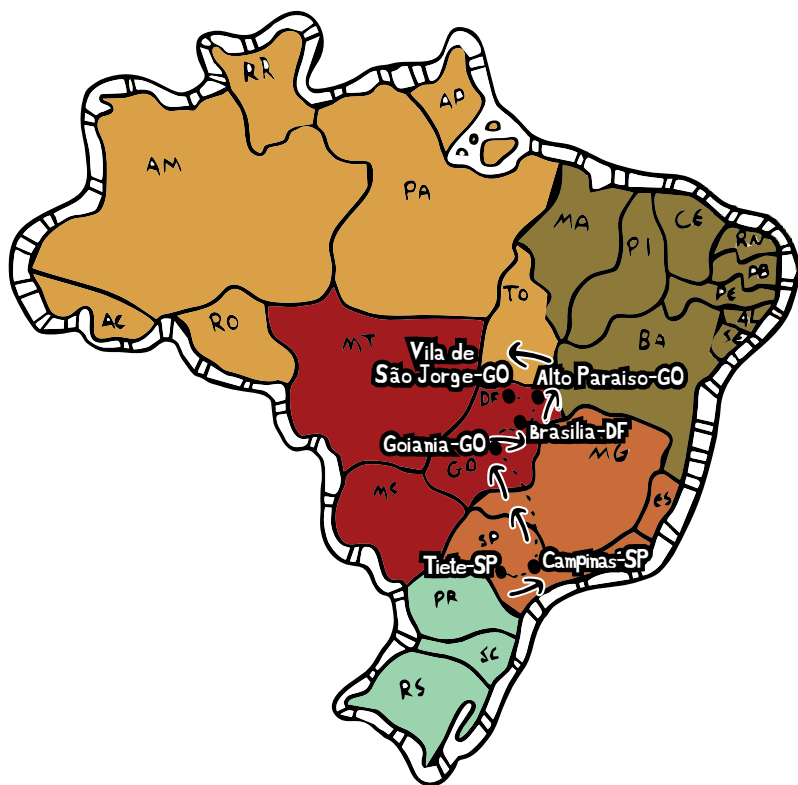
A mina fechou

A vila de São Jorge, em Alto Paraíso de Goiás, é um lugar pouco conhecido pelos brasileiros. As pessoas em geral sabem que lá se localiza a Chapada dos Veadeiros, mas poucos têm ideia de que ao pé desse paraíso natural, existe uma pequena vila especial histórica, geograficamente e humanamente falando. A riqueza natural do lugar se expressa, sobretudo, nas pessoas que habitam a região, o tratamento e a recepção condizem com a paz da paisagem. Alto, como as pessoas de lá simplesmente falam é, antes de tudo, um local de turismo místico. Situado em cima de uma gigante pedra de cristal, de onde afloram quartzos e outras pedras, faz da região uma atração especial por se tratar de um centro de concentração de energia. E para completar a magia do lugar, ele se encontra cortado pelo paralelo 14, o mesmo de Machu Pichu. As pedras e a riqueza do solo que deram vida a uma região, por muito tempo passou despercebida aos olhos do governo, de fazendeiros e empresários até que se descobriu a mineração de cristais por entre os rios e cachoeiras, e rapidamente o que era apenas uma natureza inóspita e intocada, virou símbolo de progresso e desenvolvimento. Apesar de pequena, a Vila de São Jorge, que pertence a cidade de Alto Paraíso, chegou a comportar mais de 12 mil mineiros, que com suas famílias vieram em busca de trabalho e sustento.



Mas aquilo que ninguém imaginava aconteceu. A mina fechou. O Ibama, na década de 90, determinou que a mineração fosse interrompida por conta da degradação da biodiversidade local. As pedreiras, sempre localizadas próximas a águas límpidas e cristalinas, em meio a uma incrível vegetação de cerrado, aos poucos fecharam na luta pela preservação de um dos mais ricos biomas brasileiros. Muitos deixaram a Vila. O lugar não possuía atrativos econômicos suficientes para abastecer a necessidade de tanta gente, ainda que outros muitos permaneceram, se apaixonaram por aquela terra, pelo brilho que reluzia das estradinhas de chão batido do cristal que era lapidado na porta das casas, pela possibilidade de se banhar diariamente nas águas do Rio São Miguel (e tantos outros rios) e por viver cercado às elevações rochosas, os paredões, os jardins tortuosos e por um céu tão raro quanto alguns animais que ali vivem. Ou então que não puderam mais viver sem aquele céu de onde se vê estrelas cadentes diariamente e onde elas se mostram inteiras, formando desenhos e mais desenhos, sem a interferência de luzes externas. E é nessa vila que há treze anos acontece o **Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros**.

MAPA DO TRAJETO



:: Saída ::

ônibus Tietê-SP até Campinas-SP

Avião de Campinas-SP até Goiânia-GO

ônibus de Goiânia-GO até Brasília-DF

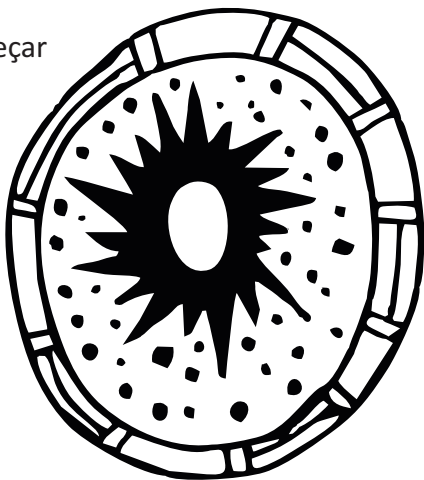
ônibus de Brasília-DF até Alto Paraíso-GO

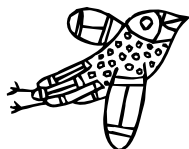
Vam de Alto Paraíso-GO até a Vila de São Jorge-GO

Pra chegar ao Goiás, Goiânia

A cidade que só é conhecida pela maioria como terra das duplas sertanejas e do pequi, me assustou ao princípio pelo calor. Era julho. Desci do avião de tênis, blusa e um cachecol e imediatamente me vi sufocada pelo calor. Motivo de riso das pessoas que me receberam, vestidos em roupas frescas de verão. Mas, em pouco tempo percebi que a diferença ia além do calor. As praças, as ruas arborizadas e principalmente no tempero da comida e o bronzeado meio que natural de grande parte da população da cidade me chamaram a atenção. O feijão ainda era marrom, mas a comida se divergia principalmente por conta dos frutos do Cerrado, que estavam presentes em todos os lados. Desde o famoso empadão de frango com pequi, até a chance de tomar um picolé de buriti a qualquer momento na rua. Foram dias de turismo culinário em família. Conheci apenas uma pequena parte da nova capital de Goiás.

Mas foi suficiente pra começar a sentir esse outro lado do meu país. Tudo por lá possuía algo diferente, de uma parte do Brasil que eu nunca havia experimentado. E começava a me sentir feliz de estar ali naquela região





experimentando essas peculiaridades de um vasto território do qual sabia, pelas leituras feitas, que encerrava grande diversidade cultural. Entre o saber e o experimentar se abria um grande abismo. José Saramago diz em um de seus livros feito para “crianças” **que o homem, para que possa se conhecer em plenitude, precisa sair de sua própria ilha para enxergar mais além.** Penso que viajar compreende parte desse auto conhecimento experimentado apenas com a vivência da descoberta de novos mundos. Ainda que não seja preciso ir longe, ou mudar de país, ainda mais se tratando da proporção continental do Brasil. Pra mim, essa viagem para uma região que eu não conhecia parecia ir além de mais um lugar que entraria na lista de outros que visitei. Algo a ver com o motivo da viagem ou mesmo o ímpeto da decisão de partida me levavam a crer que seria uma longa viagem, em busca de muito mais que novas paisagens e fotografias.

Caminho tortuoso, como as árvores do Cerrado.

Depois de uns dias com a família da mesma amiga que me apresentou ao Encontro, parti para a Vila de São Jorge. Mas, os ônibus que saíam direto foram se esgotando, e me restou a opção de ir primeiro até Brasília (momento de emoção, por conhecer um pouco a capital do Brasil), e de lá tomar um ônibus para Alto Paraíso, cidade a qual a pequena vila pertence, e ponto de chegada de todos que seguem esse destino. Ainda em Goiânia, me surpreendi na rodoviária enquanto procurava passagens que dessem no horário certo para a minha conexão Brasília- Alto Paraíso. No próprio guichê da empresa que fazia o trajeto Goiânia-BSB, o funcionário me recomendou tomar um transporte clandestino que era vendido na entrada do terminal. Sim, eu tinha visto os motoristas oferecendo o trajeto e saindo do local no momento em que cheguei, mas foi um tanto inusitado receber a recomendação do atendente de uma companhia rodoviária. Minha amiga que me acompanhava disse que seria melhor ir de ônibus e arriscar o horário um pouco apertado. Ela mesma nunca havia pegado esse tipo de transporte e ficou com medo de me colocar em perigo. No fim deu tudo certo. Consegui minha passagem com antecedência, e desci do ônibus que vinha de Goiânia apenas alguns minutos antes que saísse o próximo. Do terminal intermunicipal de Brasília já dava para notar nitidamente a diferença geográfica e climática do planalto central. Avenidas largas e muitas árvores plantadas em busca de amenizar em vão a sequeidão do

ar. Na rodoviária interestadual da capital federal percebi uma movimentação de pessoas que rumavam para a Chapada. Hippies, turistas, famílias, e é claro, os nativos da região lotavam todos os horários do transporte que ia até “Alto” como se diz por lá. Cruzando cidades rumo ao norte do estado de Goiás, havia muitas cidades na beira de uma estrada sempre de mão única. Pessoas peculiares dentro e fora do ônibus. A paisagem também ia se tornando intensamente diferente de tudo que eu já tinha visto. Ao chegar em Alto, já dava pra ver do ônibus algumas das belezas naturais que arrasta milhares de turistas pro lugar, apesar do acesso um pouco difícil. O ponto final do ônibus havia chegado. O pequeno terminal da cidadezinha parecia mais um centro cultural. Violão, malabares, vendedores de artesanatos e principalmente de transportes clandestinos – quase que legalizados- para chegar à Vila. Na rodoviária se dizia que havia um ônibus, uma única vez ao dia, e que às 15h30 da tarde chegaria por lá. Desde esse momento, personagens marcantes começaram a aparecer em meu caminho. Um naturologista praticante da medicina ayurveda (indiana) que também fazia malabares e nos deu uma aula sobre os alimentos que continham a maior variedade de nutrientes – ideais para passar dias em lugares como aquele. Um vendedor de camisetas personalizadas, curitibano, com dreads extremamente compridos e bem cuidados. E, para somar ao nosso estranho grupo, uma francesa recém chegada do Peru, que eu ajudei

durante as paradas do ônibus, já que ela não falava nada de português. Cada um contou sua história, o que ia fazer por lá, sem apresentações formais ou troca de endereços (on-line, claro) e ali permanecemos esperando uma providência divina, ou até mesmo vinda do espaço – uma vez estando em Alto Paraíso pode se acreditar em tudo, menos nos horários de ônibus intermunicipais. Estávamos todos juntos a esperar o mesmo transporte – que nunca chegou. Não arriscamos os taxistas sem lei, na esperança de que chegaríamos de ônibus até a vila. Nada. Esperamos horas, e apenas por volta das 18 da tarde, uma van com um cartaz do Encontro de Culturas passou por lá, cobrando um preço “camarada” e aparentando ser mais oficial. Mas, não era e o motorista foi capaz de colocar pelo menos o dobro da capacidade que o veículo comportava, sem contar as malas, barracas, colchonetes e tudo mais que um grupo de meninas com cara de capital havia trazido. Elas vinham equipadas para passar a vida toda em São Jorge, embora aparentassem não sobreviver mais de três dias por ali. O Sol se punha durante os quase trinta quilômetros divididos em estrada de asfalto e de chão, onde esse último predominava através dos buracos, solavancos e tudo mais que havia pelo caminho. Eu, com malas até a cabeça, me esgueirava aos poucos para conseguir enxergar da janela aquele visual deslumbrante. Árvores tortuosas típicas do cerrado, as elevações rochosas da chapada, planícies com coqueiros que pareciam ter sido desenhados. A

paisagem, conforme os raios de sol desciam se tornava verdadeiro postal fotográfico. Pensei comigo que finalmente havia chegado, sem saber ao certo o que ia encontrar pela frente, onde dormiria e principalmente o que me esperava naquele lugar incrível.



Acolhida

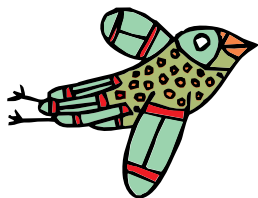
Chegar na Vila de São Jorge durante a noite impede de se ter uma noção real do seu tamanho. A movimentação mais intensa por conta do início do Encontro, ainda não declarado oficialmente aberto, as ruas de chão batido, casas espalhadas, artesanatos por todos os lados, pessoas de todos os tipos enchiam o lugar na noite que cheguei, mas visualizar tudo aquilo tornava-se uma tarefa difícil.

Depois que eu e mais aqueles três personagens nos separamos na parada do transporte, o coordenador de comunicação do evento veio me receber. Tínhamos feito contatos por e-mail e telefone alguns meses antes, e já aguardavam a minha chegada por lá. Fui levada até o QG da organização. Era a ASJOR, Associação dos Moradores da Vila de São Jorge e local que se transformava no centro de tudo durante os dias de evento. Com a simpatia que eu havia



experimentado nas pessoas de Goiânia, ele me acolheu e me encaminhou para outra pessoa, que cuidava da hospedagem. Até então nada estava certo sobre onde eu ficaria. Trazia barracas, mas tinha esperança de uma cama quentinha e de principalmente de não ter o trabalho de montar meu equipamento, que não estava lá àquelas coisas. Mais uma vez, a sorte falou mais alto. Enquanto eles conversavam sobre o local aonde iriam me levar, e eu sem entender muito bem do que se tratava, o rapaz da hospedagem sorriu e me falou: "vou te levar pra casa da tia Socorro". com minhas coisas cerca de duas quadras, e em frente a uma escolinha e um campo de futebol, vi a porta da casa, chamado de Pousada e Albergue "Fonte de Cristal", ou simplesmente "Socorro". Veio me receber uma senhora muito bonita, com um sotaque baiano e uma tranquilidade contagiante e fundamental pra que eu me acalmasse em meio a euforia do evento. O preço camarada me agradou, e mais ainda o clima da casa. Toda decorada com santos, flores, e uma parede feita com argila e garrafas. Dona Socorro me levou até meu quarto, comentando sobre o fervo que tomaria conta da pousada e da cidade nos próximos dias. Ela também me disse que minha estadia ali poderia acontecer por apenas três ou quatro dias porque sua pousada abrigaria os grupos que chegariam para participar do encontro, ou seja, estaria com sua lotação máxima até o fim dos dias. Preferi não pensar na possibilidade de

ter que deixar o local. Me simpatizei muito pela casa que se transformou em pousada e mais ainda pela tranquilidade da proprietária. O local seria ideal para contrabalancear os dias de correria que viriam pela frente.



Marie

A francesa que estava no mesmo ônibus que eu, no caminho de ida para Alto Paraíso, ainda não sabia muito de português. Ela estava voltando de morar durante três anos no Peru, e precisou de um pouco de ajuda com o idioma. Marie passou pela pousada da dona Socorro logo que eu havia chegado por lá. Ela estava buscando um lugar fixo para os quase quinze dias que ficaria na vila, para não ter que se preocupar mais com isso diferente de mim que mesmo sabendo que no local onde estava não poderia permanecer por mais de 3 ou 4 dias, deixei o tempo passar e as coisas acontecerem para que eu não precisasse mesmo sair dali. Durante os primeiros dias em São Jorge, enquanto conhecia o local, o pessoal da organização, a dinâmica da vila e tudo mais, Marie me acompanhou em diversas ocasiões. Fizemos um passeio juntas a uma das muitas cachoeiras que havia por lá. A pousada onde ela encontrou lugar ficava a um quarteirão da minha, por isso, em vários momentos tomamos café da manhã juntas. As atividades do encontro começavam logo pela manhã, por isso quase nunca a acompanhava pelas trilhas e lugares que saía a conhecer, mas durante os eventos da noite sempre estávamos juntas. Ela foi a primeira das inúmeras pessoas inesquecíveis que eu conheci nesse lugar, e também a primeira que me fez companhia nos primeiros dias, quando eu ainda não conhecia nada nem ninguém.



De dia na Vila

No primeiro dia de fato na Vila, as pessoas se movimentavam de forma apressada. No QG, as equipes de produção, comunicação logística e todas as demais trabalhavam intensamente para que tudo começasse de forma correta. No mesmo espaço da ASJOR, existe também a sede de um projeto grandioso (que merece uma história à parte) chamado Turma

que Faz, direcionado às crianças da vila. E elas também trabalhavam na apresentação que fariam no Encontro. No dia seguinte seria a abertura oficial na Aldeia Multiétnica. A Aldeia é uma parte do encontro idealizada pelo indigenista da Funai, Fernando Schiavini.

O nome Aldeia se deve pelo fato de ser o local que reservaram para acomodar as comunidades indígenas e quem mais quisesse acampar por lá. Um pouco afastado da vila, a Aldeia era acessada de carro por uma estrada de terra ou caminhando por uma trilha um pouco íngreme, mas não impossível de se fazer.

O indigenista, um dos mais experientes da Funai é também autor de dois livros. “De longe Toda Serra é azul” e “Diário de Campo”, que contam os relatos de sua atuação em campo em diversas comunidades indígenas do Brasil. A luta do indigenista que há anos está diariamente junto às populações que não recebem a atenção que deveriam do governo, a falta de verba e de mão de obra qualificada e, sobretudo paixão pela causa indígena compõem relatos instigantes das obras de Fernando.

Conversando pessoalmente com ele, descobri um pouco mais sobre como funcionava essa parte do evento que ficava praticamente sob sua responsabilidade. Fernando contou que antigamente algumas comunidades vinham em pequenos grupos, representando a cultura indígena no evento. Mas, em 2007 a organização pediu que ele organizasse algo mais forte e desde então, todos os anos, há pelo menos

nove etnias presentes que se integram entre si e com os visitantes.

Trocam informações, saberes, oficinas, rodas de prosa e debates sobre questões que dizem respeito aos interesses dessas comunidades. A ideia inicial era fazer só um ano mas, como ele disse: “Ai essa história pegou. A coisa ficou tão bonita, tão forte que acabou pegando”. Etnias de diversas partes do Brasil já tinham chegado, e algumas devido a greves em órgãos federais, ainda esperavam pelo transporte. A proporção continental do país fazia com que o transporte terrestre demorasse um pouco a chegar, intempéries da estrada, da verba e muitas outras coisas acabaram por atrasar alguns grupos, mas aos poucos eles foram chegando. Em alguns dias a Aldeia se tornou um espaço multicultural.

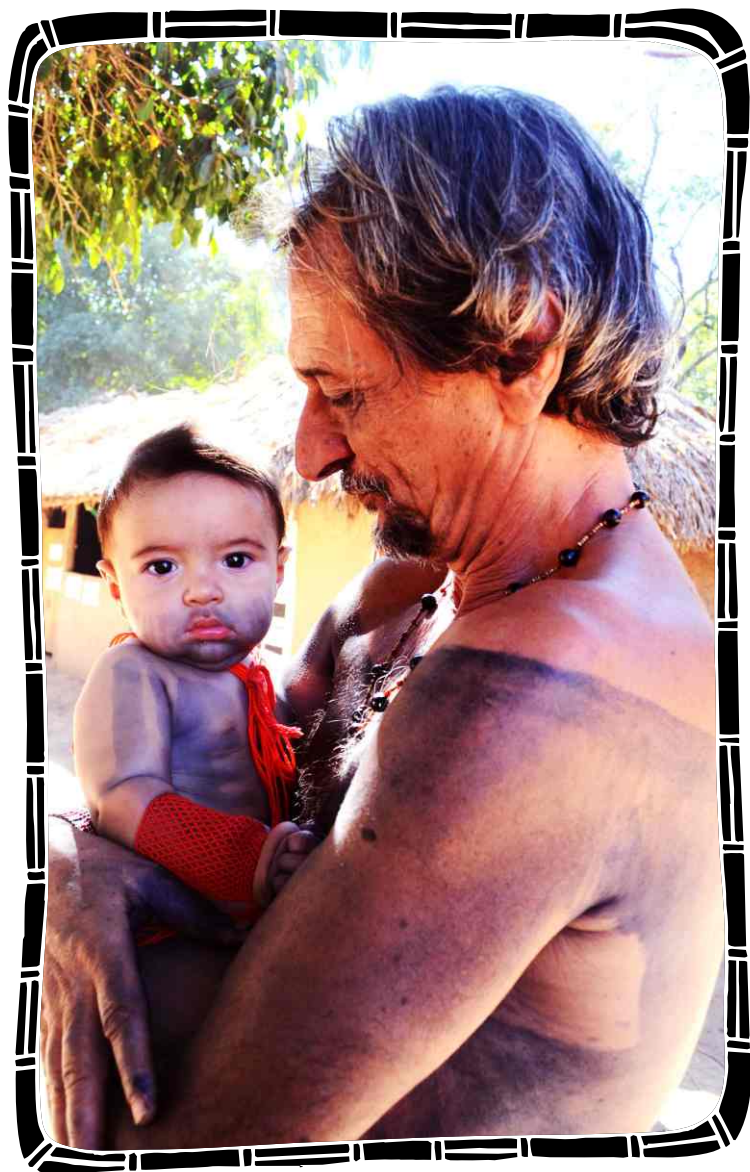
Uma tradição iniciada no ano anterior foi a de ter sempre uma etnia que recebe os demais povos. No caso, no ano em questão, essa incumbência recaiu sobre o povo Yawalapiti, que vive na região sul do Parque Indígena do Xingu, região conhecida como Alto Xingu. Eles construíram sua casa tradicional no local, e agora a cada ano a etnia anfitriã deverá repetir esse gesto. Além disso, recebem as demais etnias, e organizam a festa e cuidam da programação. Cabe a eles coordenar, na hora das reuniões, as conversas e os locais onde acontecerão as atividades. Fernando vê nisso tudo um avanço, que resulta cada vez mais na incorporação dos povos indígenas no evento como um todo. Nesse ano, os Kayapós (Mebengokrê) que estiveram no comando construindo sua casa e

executando as demais atividades.

Em cada dia da Aldeia, outra troca acontece. As manifestações culturais de uma etnia prevalecem no espaço e todos os dias pela manhã, há o ritual de passar a vez para a próxima, permitindo que haja um rodízio e conseqüentemente que se conheçam os costumes de cada uma com mais diversidade. Antes que eu pudesse saber, ele me adiantou contando que havia festas todos os dias, dia e à noite. A tradição indígena manda que quando se inicia um ritual à noite, por exemplo, não pode parar, deve amanhecer. E, apesar da programação delimitada no papel, a Aldeia acompanha a dinâmica do cotidiano das festas indígenas, com as preparações, as pinturas, a comida e o contar de histórias, durante dias e dias. E são nesses intervalos do sol quente que se realizam as oficinas, rodas de proza e debates.

Fernando, com todas as suas palavras carregadas de histórias e experiências explicou que os índios têm a noção de que quem faz a abertura de lugar, acaba por se tornar meio que o dono do lugar, e isso vêm da tradição indígena. E essa é a ideia que tentam seguir na Aldeia. Segundo ele, o pessoal que participou desde a primeira edição, convida mais comunidades que sempre voltam, pois se trata de uma experiência interessante sair da aldeia, visitar outro ambiente, passear, festar e conhecer gente diferente. Ocorre a troca mútua de novidades e aprendizados acontecendo numa via de mão dupla. Eu acredito ainda que as comunidades indígenas têm muito mais pra ensinar do que pra aprender com a gente que passa por lá.





A Aldeia, agora mais de perto.



Estando mesmo na Aldeia, a dimensão e a possibilidade de conhecer de perto e melhor os povos indígenas causava no começo certo choque. Talvez pelo desconhecido fato de eu não ter estado com tantas etnias indígenas ao mesmo tempo, podendo trocar conhecimentos com cada uma delas. O espaço cumpre esse papel ao mostrar as diferenças culturais e de costumes de cada uma delas, e mais ainda, evidenciar o quanto aprendemos e poderíamos aprender com tais povos.

Logo que cheguei ao local, lembrei-me do conceito que a escola nos passa com relação aos povos indígenas. Algumas vezes, quando no primário fiz cocares naquele remoto 19 de abril, também aprendi algo sobre as palavras tupis que estão no nosso



sobre os povos que originaram a população brasileira, momento único em que a professora lembra de citar os indígenas, fala sobre o escambo e coisa e tal. Mas, em nenhum momento aprendi sobre a riqueza cultural das tribos indígenas. Muito menos sobre o quanto poderíamos aprender com eles, ao invés de explorá-los como foi feito durante anos (e ainda é). Acho que isso não está apenas em mim, mas tenho certeza que a maioria das pessoas enxerga o índio como um ser mitológico ou uma figura folclórica inalcançável. E isso, nos afasta das nossas origens e faz com que a gente esqueça da importância de cada um desses povos para que o Brasil (e o brasileiro) se constituísse.

As comunidades indígenas aos poucos se mesclam e se comunicam entre eles (apesar de que cada um dos grupos fale um idioma diferente). Era nesse ponto que a língua portuguesa dava um empurrãozinho na comunicação. A maioria das mulheres e crianças falam apenas a língua da tribo, mas diversos homens se expressam em português e assim se comunicam com os visitantes que se aproximavam e com os irmãos das



outras etnias. Basta se acercar um pouco mais perto deles para perceber, mas é preciso vir livre daquilo que socialmente se aprende. Eu sempre quis viver isso que acontece aqui. É uma forma de voltar no tempo, compreendendo e conhecendo mais sobre meus antepassados. Ouvir o que eles têm a dizer sobre a vida, sobre nós, e principalmente sobre eles e suas vidas que existem aqui há milhares de anos. Acerquei-me a uma roda de conversa entre alguns visitantes, um índio mais jovem deitado na rede e um de aparência mais senil sentado com um maracá nas mãos. Sentei ao lado deles e a primeira coisa que ouvi do senhor (aquele com mais sinais de vida em sua face) foi: “a gente não conta hora, nem minuto, nem nada, nosso tempo é diferente do de vocês”.

Só depois descobri que se tratava do pajé Kassib, ou Raimundo, da tribo Dessana que vive em um povoado perto de Manaus, no alto Rio Negro. Bastaram essas palavras para que eu não saísse mais dali por um bom tempo. Depois de falar tranquilamente sobre o tempo em uma aldeia, suas palavras chegaram ao tema de sua medicina, feita através das plantas e frutos da natureza. Ele até brincou com um humor bem brasileiro falando que se quisesse ficar rico, venderia suas receitas para muitos médicos que já lhe pediram. E depois completou dizendo que nunca o fez, e por isso estava ali. Do outro lado, crianças da etnia kayapó brincavam. Também se escondiam um pouco das fotos dos olhares curiosos que as cercavam. Muita gente ia chegando e na entrada sendo pintados por mulheres das tribos. A sensação que eu tive é a de que todos os de fora, queriam de alguma forma poder fazer parte desse universo. Sem entender porque se pintavam, e cada qual de uma forma diferente, todos ali buscavam estar mais perto.



O começo oficial

Ir para a Aldeia representava sempre um momento de descoberta e de conhecimento. Foi assim também na sexta-feira, dia da abertura oficial do Encontro, onde a maioria das etnias presentes se apresentou.

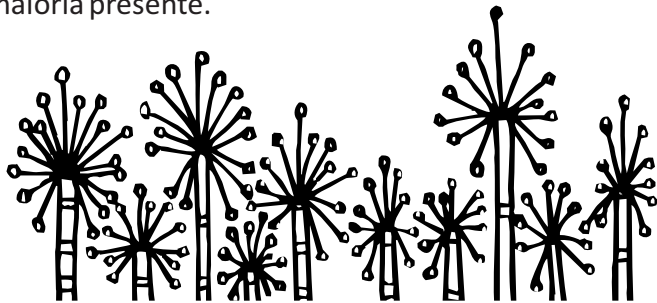
Antes do começo das atividades, as pessoas iam chegando e assistindo ao que as comunidades faziam. Espalhados em seus grupos, eles expunham o artesanato feitos nas aldeias e trazidos para serem comercializados. Outros se preparavam para a grande abertura colocando adereços e caprichando muito na pintura e no visual.

Antes do começo oficial, ocorreu uma reunião com os caciques de todas as tribos presentes. Cada um se apresentou, falando de forma animada com relação às expectativas para esse encontro onde eles mesmos podem se conhecer melhor. Achei bonito de ver a

dos grupos convidados por estarem fazendo parte disso tudo. Todos os representantes expunham a mesma opinião sobre a importância de um evento como é o que acontece por lá, onde todos eles podem sair de suas casas (espalhados pelos rincões mais longínquos do Brasil) e estar trocando conhecimentos, histórias, saberes, artesanatos, sementes e muito mais.

Os Kayapós, etnia anfitriã chamaram a atenção de todos os presentes com apresentações de danças dos homens e mulheres. Em seguida, a etnia Yawalapiti também se apresentou. A dança deles misturava ritmos de chocalhos com um instrumento de sopro tocado pelos homens. Todos faziam movimentos sincronizados circulares.

A festa começou mesmo quando um círculo em volta da fogueira (que, em forma de ritual, ainda seria acesa) foi armado. Os grupos um a um foram apresentados ajudando a compor uma multidão significativa e atenta. Acredito que todos ali podiam sentir a magia e riqueza que pairava sobre aquele momento de mescla, de intercâmbio cultural. Momento que para mim pode ser definido como a nossa vez de assistir, apreciar e é claro, de participar intensamente das celebrações indígenas, distanciadas em geral do cotidiano da maioria presente.



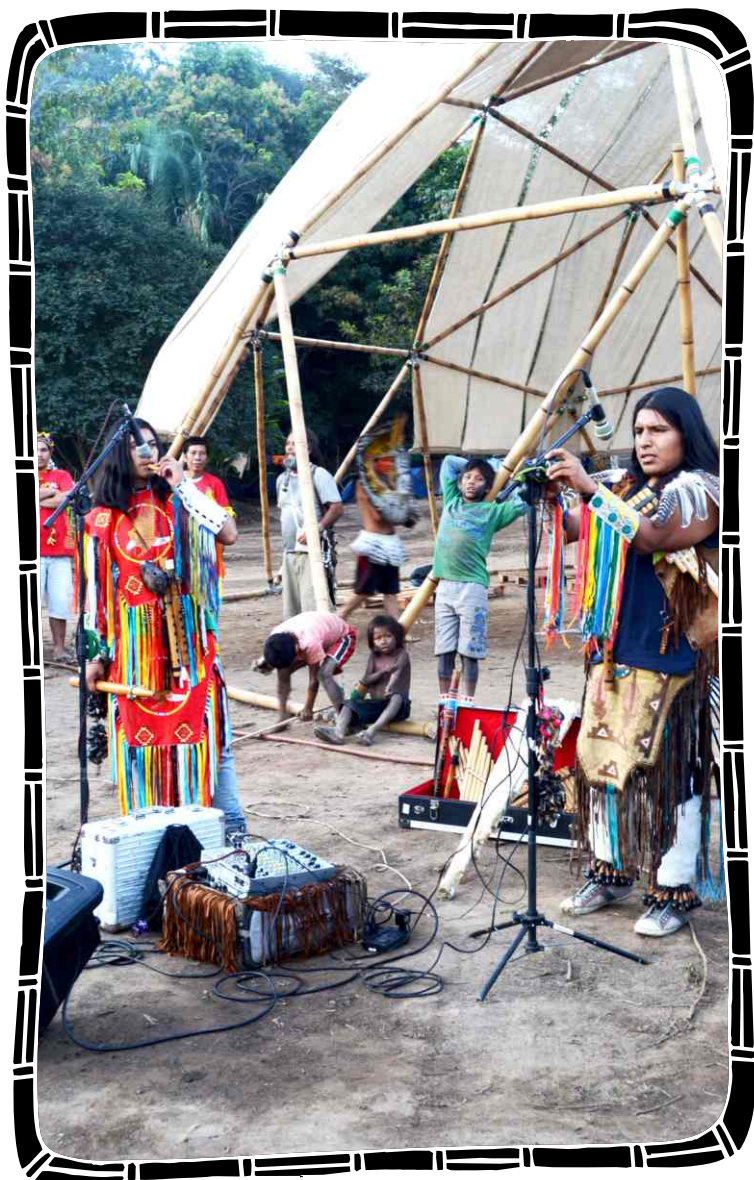












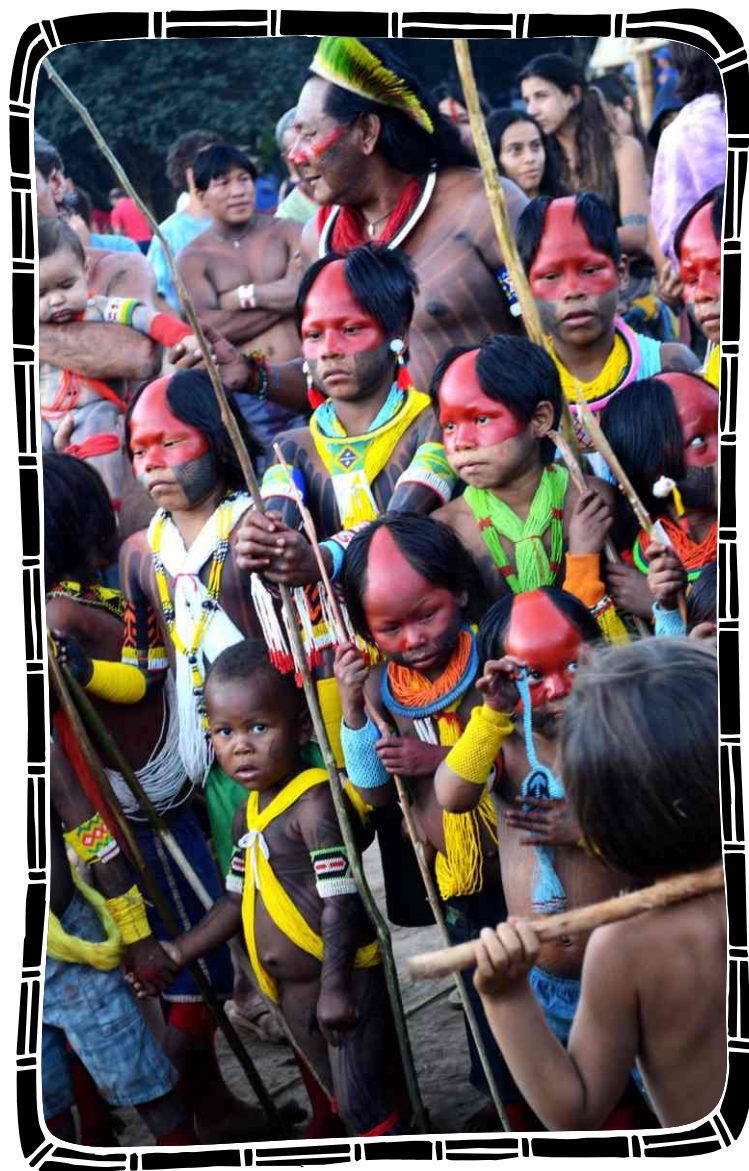
O que não deixa de ser, uma forma de retornar a nossa origem, contemplando os povos que apesar de tanto tempo e tanta miscigenação, são capazes de manter seus costumes vivos. Cada grupo foi se apresentando. Danças, rituais e instrumentos diversos. Houve até a apresentação de um grupo de equatorianos que também estavam participando. Eles fazem parte de uma pequena família que descende dos incas. Tocaram flauta andina, dançaram e cantaram trajados em exuberantes vestes típicas daquela região.

Depois de todos se apresentarem, o pajé Kissib, da tribo Dessana fez um ritual de purificação em honra a todos que estavam ali e em seguida o cacique Álvaro, pertencente ao mesmo grupo, acendeu a fogueira concretizando assim a abertura e todas as festividades. Nessa hora, os kayapós começaram a cantar e a dançar em torno da fogueira, e aos poucos todos os outros foram de juntando em uma grande roda que dançava e cantava sem parar. É claro que as pessoas, pouco a pouco foram perdendo a timidez e se juntando. E ainda que fosse difícil acompanhar o ritmo deles, muitos ficaram até o final dançando e cantando em círculos, aprendendo cantos e ritmos diferentes. Esse foi, durante os mais de quinze dias de evento, o clima da Aldeia.

Por lá eu sempre encontrava o naturalista que chegou à Vila no mesmo ônibus que eu. Ele optou ficar acampado junto aos povos indígenas procurando aprender mais sobre a ciência e o conhecimento sobre





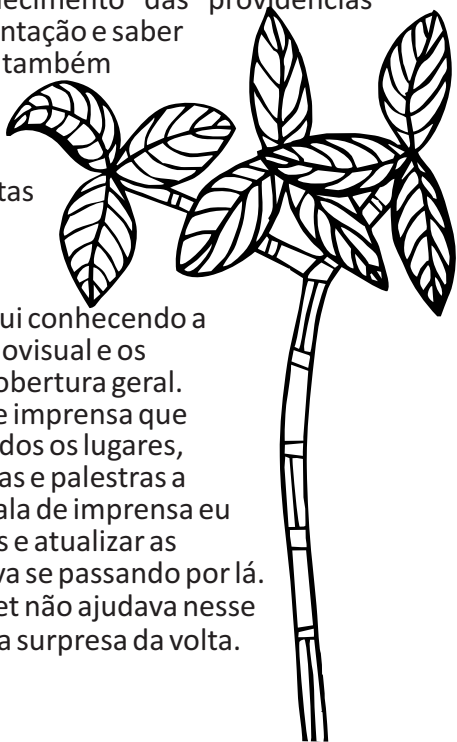


plantas e sobre o mundo. Beber de um saber milenar não encontrado no curso que estudava na universidade. Nas diversas vezes em que conversamos, ele perguntava sobre como andavam as minhas descobertas sobre o evento e como era ficar na Vila. Me recomendou ter paciência e tranquilidade para os passos que aconteceriam ali e sempre tinha uma palavra de paz ao final da conversa.



Na Associação

Pela Asjor todos passavam. Os grupos que chegavam de carro, ônibus ou qualquer outra forma de transporte que fosse até a vila iam direto para a Associação tomar conhecimento das providências sobre hospedagem alimentação e saber mais da programação. Lá também circulavam as pessoas da organização e demais participantes que queriam comprar camisetas e se informar da vasta lista de atividades que o encontro reservava aos visitantes. Com o tempo fui conhecendo a equipe de produção, audiovisual e os jornalistas que faziam a cobertura geral. Ganhei uma credencial de imprensa que facilitava meu acesso a todos os lugares, podendo assistir as oficinas e palestras a qualquer momento. Na sala de imprensa eu tentei em vão postar fotos e atualizar as pessoas sobre o que estava se passando por lá. Mas, a conexão da internet não ajudava nesse sentido e ficou tudo para a surpresa da volta.



Conto do Vigário

Aconteceu também um episódio um tanto quanto engraçado durante os primeiros dias de evento. Eu estava na aldeia e recebo a notícia de que a vila toda estava sem comunicação. Celular, rádio, internet, telefone. Nada funcionava. No local escolhido para a construção da aldeia os sinais de comunicação já eram escassos, e nesse momento ninguém sabia o que de fato se sucedeu. Vale lembrar que o ano desse acontecimento foi 2012, e que a região de Alto Paraíso em Goiás possui certa energia que atrai gente mística. Rapidamente se espalhou o boato de que tempestades solares tinham atingido o local. E a conversa chegou ao ponto de dizer que os fenômenos haviam começado em Tóquio, passado em São Paulo e que chegara a São Jorge, deixando todos assustados por algumas horas.

Um músico paulistano que se encontrava na aldeia, usando um chapéu estilo duende me confirmou a história e ainda pontou: “Apenas quem é do amor irá sobreviver”. Na hora eu ri, mas a localização me fez rapidamente acreditar em tudo que me dissessem. Somente quando voltei a vila e conversei com a produção que se encontrava na Associação descobri que a tempestade solar era um boato inventado pelo próprio idealizador do evento, Juliano Basso. Muitos riram da minha cara de indignada com a não ocorrência de tempestades solares. Num ano como aquele, somado ao lugar e a energia mística dos cristais, era possível aceitar qualquer explicação paranormal sobre a falta de comunicação. A história que explicava o que realmente aconteceu se resumia ao rompimento de um cabo de fibra óptica que liga a vila a Alto Paraíso, ou seja, toda e qualquer

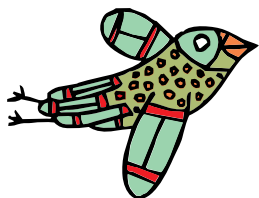
fonte de comunicação tinha sido rompida e a estrada que levava até a cidade não era das melhores, deixando ainda mais difícil que a informação fosse trocada. No fim da tarde as coisas foram se normalizando. Mesmo assim, energia elétrica era algo que faltava com frequência durante a noite, quando começavam os shows no palco principal.

O lado bom dessa falta de energia acontecia quando eu estava na pousada da Dona Socorro e podia subir até uma varandinha que havia por lá, construída com vigas de madeira e com uma escada improvisada. De lá o céu estrelado, sem as poucas luzes que a vila tinha normalmente, parecia um espetáculo a parte. Também dava para ouvir a comemoração da organização quando a energia voltava e os preparativos para os festejos podiam continuar noite adentro.



Uma ciranda para terminar

Essa ciranda não é minha só
É de todos nós
A melodia principal quem tira
É a primeira voz
Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Fazendo uma roda
Cantando essa canção

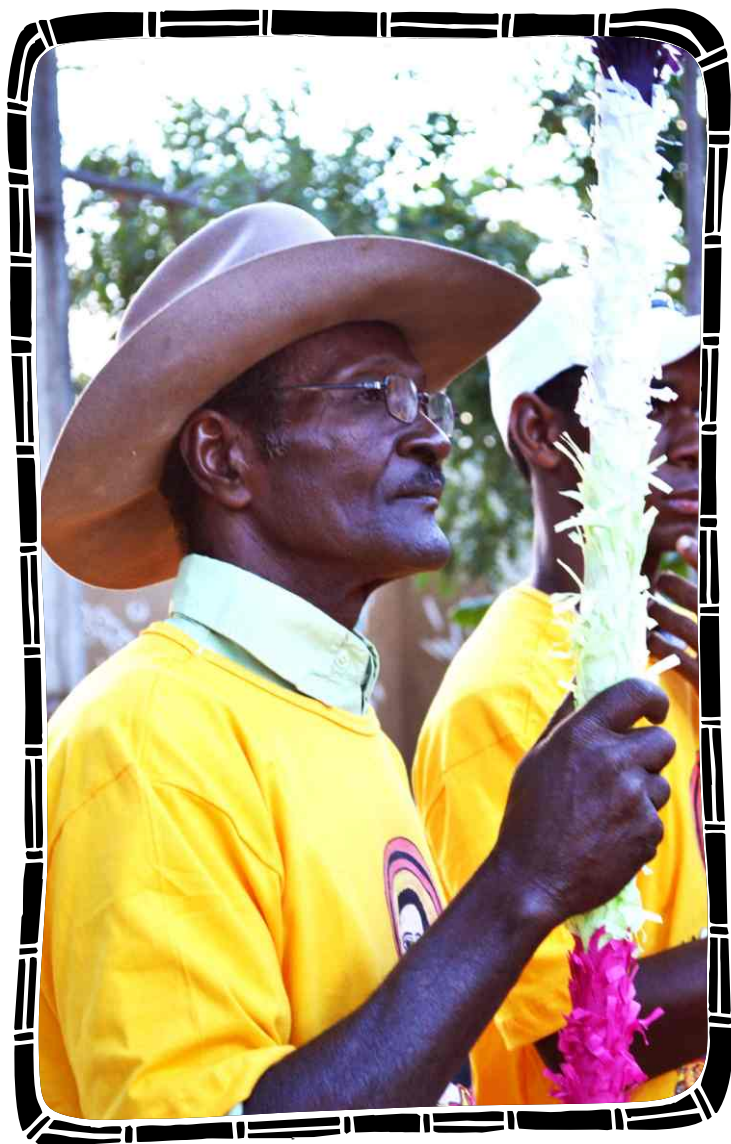


A programação do evento era múltipla. As atividades se dividiam entre a Aldeia, a vila e mais alguns espaços onde oficinas, mostra de poesia, de cinema, rodas de prosa e tantas outras coisas aconteciam. Por isso, eu sempre intercalava os dias, ficando um pouco na Aldeia e um pouco na vila, tentando aproveitar ao máximo o tempo, que no começo, parecia passar bem devagar.

Com o passar dos dias fui me dando conta de que pra qualquer direção que eu optasse ir, sempre haveria pessoas, histórias e muita coisa nova a se aprender. Era só se deixar levar. O por do sol em São Jorge anunciava o início da noite, momento em que as horas se alongavam e as atrações não tinham fim. A programação nesse horário acontecia no Palco principal. Grupos de diversas partes do Brasil se apresentaram e algumas atrações de outros países também. Sempre antes que a noite terminasse quase que oficialmente, uma grande ciranda era puxada em frente a esse local e a quantidade de pessoas presentes e dançando era enorme. A ciranda é uma dança da cultura tradicional brasileira, originada na península ibérica e trazida pelos portugueses. Na tradição das terras de lá, apenas adultos dançavam o passo. A história da dança se transformou com o passar dos anos e em cada região onde a manifestação se fortaleceu, ganhou uma “cara” específica. Pernambucanos, paulistas e fluminenses dançam e tocam ciranda cada qual a seu modo. Na Vila de São Jorge, a ciranda era obrigatória para finalizar uma parte da noite. Quando as apresentações terminavam, o ultimo grupo a subir no palco começava a puxar o momento esperado. Se estivesse distraído, olhando

para comer ou beber, rapidamente dava para ver, ouvir e sentir a energia do lugar. Duas, três até quatro ou mais, grandes rodas se aglomeravam, e de mãos dadas todos dançavam até que os músicos deixassem de tocar. Com o tempo e através de conversas com as pessoas que frequentam o evento há alguns dias soube que era uma tradição esperada o momento da ciranda. Oficialmente finalizada as atrações no Palco principal, o apresentador avisava a programação da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Lá a festa continuava até quase o amanhecer. Na maioria das vezes grupos de forró da região faziam a alegria a noite na Vila. Houve também momentos em que os atores do palco principal reprisavam o sucesso no centro cultural, lembrando a noite anterior.





A prosa séria

Junto à programação do evento, aconteceu nesse ano o Primeiro Encontro de Lideranças Quilombolas. O estado de Goiás possui mais de vinte comunidades quilombolas, e entre elas, uma das que estão fortemente representados no evento são os Kalungas. Eles vivem em algumas cidades perto da Vila, Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás. Muitos deles trabalham na organização além de representarem culturalmente o evento através de manifestações religiosas.

A palavra Kalunga, é de origem Bantu e significa lugar sagrado de proteção. Para eles, o significado se fundamenta em um lugar sagrado que pertence a todos, ou também como uma terra que nunca seca, sempre boa para os momentos de dificuldade. Eles representam a maior comunidade de remanescentes de quilombo do Brasil, com uma população que se aproxima das 8 mil pessoas.

Além dos representantes das comunidades, membros da Semira- Secretaria do Estado de Políticas Públicas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial estiveram presentes. As discussões aconteceram na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, local que sediava parte da programação do evento. Durante o dia era utilizado com oficinas, rodas de prosa, e reuniões formais, e durante a noite se transformava no pós-evento, onde sempre acontecia apresentações de forró ou de grupos que tinham se apresentado no palco principal do Encontro.

Caciques de grupos indígenas de diversos lugares também foram chamados. A ideia inicial era discutir os saberes e direitos quilombolas, mas, com a presença dos índios, todos eles apresentaram opiniões com relação aos conhecimentos que cada uma das

comunidades possui.

Essa parte do evento foi coordenada pelo professor José Jorge de Carvalho da UNB, que discutiu a importância da valorização dos conhecimentos transmitidos oralmente. Ele trabalha na universidade com um projeto que coloca mestres de saberes tradicionais em contato com o meio acadêmico, dando a oportunidade de eles mostrarem quão valioso é tudo aquilo que sabem.

Um dos exemplos que ele citou faz referência à participação de um mestre indígena que esteve presente em aulas de arquitetura ensinando como se constrói utilizando palhas e bambus. O professor contou que nenhum dos renomados acadêmicos presentes ali tinha o conhecimento necessário para se construir algo do tipo, coisa que o índio faz com perfeição e noções arquitetônicas não aprendidas em uma universidade, e sim passadas de geração em geração. A prática, e vivência do dia-a-dia, a utilização de instrumentos retirados da natureza e muitos outros fatores faz do conhecimento adquirido por eles, um produto único, jamais obtido em sala de aula alguma. Mas, o tema central se relacionou principalmente em como a sociedade ainda valoriza muito mais o conhecimento mensurado através de um diploma acadêmico fazendo-o se sobrepor a esses saberes. Os momentos de roda de prosa criava no encontro um palco diferente. Há uma busca por resgatar valores e promover não apenas a cultura de resistências de povos que possuem uma história de sofrimento e repressão, mas criando o ambiente de discussão relacionado à dignidade humana, pouco respeitada pela sociedade e menos ainda pela mídia e pelos grandes meios de comunicação.

Professor que pensa diferente



O professor José Jorge, expos durante muito tempo sobre a importância da valorização dos saberes tradicionais. Ele começou citando o preconceito que ainda existe com as comunidades indígena e negra no Brasil. Também abordou de forma incisiva a questão de se “jogar fora” toda a sabedoria, arte e cultura desses povos, enfatizando a necessidade de transformação do cenário atual.

Reconhecer a existência de muitos sábios, mestres e mestras, que ficam esquecidos pelo país a fora se encontra nos objetivos do evento idealizado por Juliano Basso. Há uma busca intensa por valorizar a cultura de toda a região, e reconhecendo as manifestações do saber popular, oriundos de diversas partes do país, na pequena vila de São Jorge, fora e longe do local de origem, os mestres podem mostrar sua sabedoria a outra gente, vinda de longe.

Como representante de uma das mais importantes universidades do Brasil, a UNB, o professor reconheceu em seu depoimento, quão excludente são as universidades brasileiras. A concentração de uma elite representada em um pequeno grupo de pessoas de classe média, com acesso aos serviços que deveria chegar a toda a população. Tudo isso segundo ele, acaba por distanciar ainda mais os jovens, que deveriam conhecer e desbravar os brasis que poucos conhecem, invertendo os papéis e valorizando e divulgando a realidade indígena, quilombola e das demais comunidades tradicionais.

A universidade, de acordo com José Jorge, nos dias de hoje ainda não reconhece os saberes, as artes, o artesanato, a tecnologia, e a infinidade de conhecimento dos mestres e é isso que precisa mudar. O professor falou com fervor sobre a importância dessa valorização. Mesmo que demore, terá que acontecer, por uma questão de se tratar da expressão do orgulho e reconhecimento do próprio país pelas comunidades que têm.

Coordenador do projeto “Encontro de Saberes”, o acadêmico leva mestres durante determinado período para dentro da universidade, dando lhes a chance de mostrar seus conhecimentos para aqueles que vivem em um meio totalmente científico e longe dessa realidade. A ideia exemplar poderia percorrer todas as universidades brasileiras, fazendo com que os estudantes pudessem perceber a riqueza dessas sabedorias imensuráveis, que não explicadas nem medidas por índices ou certificados.

O Brasil Quilombola

Para tentar conhecer mais o Brasil quilombola, depois de alguns encontros com o professor José Jorge, procurei uma das mulheres que havia falado bastante sobre a realidade Kalunga. Lucilene dos Santos Rosa, membra da comunidade saiu há algum tempo do local onde vivia para estudar e cursar a universidade. Hoje ela é gerente da Semira, Secretaria do Estado para a Promoção da Igualdade Racial do estado de Goiás, e trabalha para ajudar a comunidade de onde veio. Me contou um pouco mais sobre a luta das comunidades quilombolas pelos seus direitos e pela sobrevivência em um país desigual. Em Goiás há 22 comunidades certificadas pela Fundação Palmares.

A área onde esses povos se encontram no estado compreende 257 mil hectares dividido em 3 municípios. Os Kalungas, que participam do evento em grande quantidade, representam no Brasil a maior comunidade isolada, originada de uma vida de mais de 200 anos de isolamento.

Lucilene me disse também sobre a dificuldade de acesso ao local, o que sempre colocou obstáculos a chegada de ajuda, recursos e tudo mais, mas ao mesmo tempo promoveu a preservação da cultura da comunidade. Eles plantam e colhem para a subsistência e não exercem outro tipo de atividade, apenas produzem a farinha de mandioca, típica da região e vendem o excedente.

O povo quilombola, segundo ela, começou há alguns anos, a sair das comunidades para estudar, fazer algum curso técnico ou mesmo cursar a universidade. Mas, não pensavam em voltar para o local de onde vieram,

fugindo daquela realidade cheia de problemas, que só eles sabem como é. Por isso, Lucilene disse do trabalho que há hoje para criar a consciência de voltar, somando forças para tentar ajudar e levantar a comunidade. Ela fez esse caminho. Foi e voltou. Aprendeu com a vivência dos pais a importância de valorizar o que eles tinham, e o que era esse ser diferente dos outros.

A complexidade em organizar projetos e editais continua sendo um problema. Ouvir o relato de uma pessoa nascida na comunidade e com toda a vontade de fazer a diferença para a população de lá, foi importante. Segundo ela, ainda há muita pobreza, um alto índice de analfabetismo e o IDH, nesses locais são muito baixos. Tudo isso mostra a necessidade que existe de atender e dar a atenção especial às comunidades quilombolas. Na opinião de Lucilene, o Encontro de Culturas exerce um papel fundamental, pois proporciona um dos momentos únicos em que os kalungas têm a chance de serem ouvidos. Mesmo assim, evidenciando uma visão bem crítica, acredita que sua participação se restringe, apenas, para apresentações culturais sem que suas demandas sejam atendidas.

E não é só de pão a fome dos kalungas, falta respeito e conhecimento sobre a comunidade. A dificuldade de acesso ao saber, segundo ela mostra, por exemplo, os motivos de lá se falar um português considerado errado, ainda com grande resquício do português arcaico. Há mulheres que falam “Inhansi”, quer dizer sim “Inhansnã” quer dizer não e “nhô” que quer dizer senhor. O isolamento do povo, quando se compara a outras partes do Brasil, traz essas peculiaridades que

precisam ser vistas sob outro olhar, não com o do preconceito.

Ela aponta a relevância do momento do Encontro, onde há pesquisadores, turistas e espectadores em geral, com a vontade de tentar desbravar um pouco mais o outro lado da vida desse povo. A pequena mostra que se tem lá na Vila representa apenas uma parte da vida deles, deixando a curiosidade das pessoas aguçadas para ir à comunidade. Nesses eventos, o sofrimento vivido pelo povo negro é colocado em pauta, em busca de diminuir o preconceito, com a pele, o cabelo, a questão de ser mulher e mais ainda por ser quilombola. Lucilene contou muito sobre a visão “bicho do mato” que a população em geral tem sobre os quilombolas, sem reconhecer a luta e o sofrimento de séculos de resistência para viver e poder hoje estar na vila, fazendo o que estão fazendo.

Percebi, principalmente ao retornar a São Paulo, que pouco se sabe do Brasil quilombola que há espalhado por trás de serras e chapadas de muitos estados. A maioria das pessoas pensa que a opressão e a vida difícil do povo negro é coisa do passado. Entrar em contato com gente de uma comunidade assim faz ver e sentir que aquele passado ensinado nas escolas e presente nos livros de histórias, está mais presente do que se imagina. Mesmo que ninguém fale, mostre ou se de conta da vida das comunidades quilombolas, eles continuam em seus locais, lutando para sobreviver de maneira digna.

Cultura Afro Brasileira









Esse quilombo tem uma rainha

Em meio a uma série de acontecimentos e apresentações feitas pelos quilombolas da comunidade Kalunga, eu não podia deixar de dar minha opinião sobre a mãe de todos eles. A impressão que eu tive ao conhecê-la foi de que ela cuida de tudo que acontece. Aquela que permite e deixa permitir as coisas, diz o sim e o não.

Conhecida como dona Dainda, a senhora parecia sempre pronta para organizar, resolver, e também para mudar o rumo das decisões que envolviam a comunidade. Desde o primeiro dia das apresentações eu comecei a observá-la. Um semblante sempre sério, transmitindo a todos o respeito e a seriedade que a velhice permite transmitir. Mas, basta dar-lhe algum motivo de alegria que ela sorri com o melhor dos sorrisos largo e demorado.

Desde os momentos na igreja de São Jorge, era ela que ia até aqueles que não estavam rezando, ou então sentados de maneira errada e lhes dizia como tinham que se portar. Também a vi opinando sobre quando a música e a oração deveriam parar.

Em meio a correria das apresentações, tentei conversar um pouco mais com ela. Impossível. Mas a aparente negação veio com simpatia e esperança, falando que precisava cuidar de tudo e de todos, se não, ninguém cuidava. Me atenderia assim que tivesse uma folguinha de tudo.

E durante o resto da noite, enquanto a festa Kalunga continuou na casa Cavaleiro de Jorge, vi mais uma vez a dona Dainda exercendo sua função de mãe. E pelo que pude sentir também, sem ela não há festa. Ouso até dizer, que sua pessoa encarna a continuação das tradições e costumes centenários. A ideia que eu tenho é de que sua função vai muito além de colocar ordem na casa, ela tem o dom de fazer essa cultura não se perder. Sua imagem perante os outros da



comunidade, deve ser de inspiração e de força, e ao mesmo tempo de segurança, pois enquanto ela estiver tomando conta de tudo, as coisas andarão bem e nada se perderá no meio do caminho.

Depois de esperar alguns dias, consegui conversar com mais calma com dona Dainda. Vinda da comunidade do Vão de Almas, a mais populosa entre os quilombos de Goiás, ela me contou sobre o cotidiano do local. Os artesanatos que eles fazem, o plantio e a colheita e da criação de animais usados na alimentação. Suas palavras sobre a “festa”, como ela chamou o Encontro, representa um momento de mostrar as festas que eles organizam há séculos no quilombo, levando para fora de lá essas manifestações. A troca de conhecimento reconheceu como algo muito produtivo, e disse que o povo todo da comunidade do Vão de Almas tem vontade de vir pra vila, principalmente pela oportunidade de trabalhar e aumentar a renda para a vida difícil que eles levam. Dona Dainda expressa em seus traços belos e conservados a vitalidade da resistência negra, da resistência de uma mulher que vive no local onde ela vive, transmitindo sua força a todos que chegam por perto dela. organizam há séculos no quilombo, levando para fora de lá essas manifestações. A troca de conhecimento reconheceu como algo muito produtivo, e disse que o povo todo da comunidade do Vão de Almas tem vontade de vir pra vila, principalmente pela oportunidade de trabalhar e aumentar a renda para a vida difícil que eles levam. Dona Dainda expressa em seus traços belos e conservados a vitalidade da resistência negra, da resistência de uma mulher que vive no local onde ela vive, transmitindo sua força a todos que chegam por perto dela.

O pouso certo

O Encontro é um evento que acontece em todos os lugares. Na aldeia, na vila, na rua ou em qualquer lugar onde houver gente, vai haver também troca de conhecimento, histórias e de vida. Mesmo assim, sempre me perdia em meus pensamentos, tendo dúvidas sobre quais caminhos seguir. As vezes eu não precisava sair da pousada da Dona Socorro pra aprender sobre alguma cultura diferente ou qualquer outra coisa que nunca tinha ouvido falar. E por falar na pousada, conforme os dias foram passando e os grupos do evento chegando, dona Socorro colocou um colchão para que eu dormisse na sala e não precisei mais sair de lá. Até ajudava na hora de servir o café da manhã, rotina mantida até o final do evento. O local hospedou muitos grupos e pessoas que de alguma forma participavam do evento. Toda essa movimentação dentro da casa se transformou numa oportunidade ímpar para conhecer mais do local, as pessoas protagonistas do evento e por tabela da cultura do nosso país.

Uma noite, rumando para o palco principal da vila para assistir as apresentações, um carro que manobrava em frente a porta da pousada me pediu informações sobre como chegar ao centrinho. Não fazia muitos dias que eu tinha chegado, mas a locomoção por ali era tão fácil que sem nenhuma dificuldade lhes indiquei o caminho. Num sotaque “arretado” me agradeceram e perguntaram para onde ia. Respondi que também ia para o palco principal acompanhar as apresentações que começavam em pouco tempo. Ganhei uma carona



do grupo que esbanjava simpatia com acento pernambucano.

Entrei no carro e descobri que estava junto com o grupo musical Marafreboi, de Brasília, mas com integrantes nordestinos, principalmente vindos de Recife. Não conhecia o trabalho deles, mas esses cinco minutos de conversa me fizeram esperar ansiosa mais uma apresentação.

Uma orquestra de música popular brasileira, que unia maracatu, frevo, bumba-meu-boi e muitas outras vertentes da nossa música. Tinha como não gostar? Riram do meu sotaque do interior de São Paulo. Contei que meus avós paternos também eram pernambucanos, mas que infelizmente não falava como eles, mas que me fazia bem escutar esse jeito de falar diferente do meu e que na realidade cresci ouvindo-o. A apresentação da orquestra animou a noite de São Jorge, que demorava mesmo pra acabar. Se alongava junto ao céu estrelado deixando a paisagem noturna da Chapada ainda mais bonita. Como acontecia todos os dias, quando os shows do palco principal terminavam, a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge começava a se encher de gente para o forró da madrugada.



Tocantins na Pousada da Socorro

Mais uma das viagens para onde a casa da Dona Socorro me levou foi ao Jalapão. Região pouco conhecida e visitada do Brasil, localizada no estado de Tocantins, chamado de deserto brasileiro, o lugar possui dunas de areia com rios borbulhantes, cachoeiras e muitas outras peculiaridades de uma paisagem ainda pouco explorada. Nessa região nasceu Ilana, uma tocaninense que agora posso chamar de amiga. Ela veio representando a associação de artesanato do Capim Dourado e expondo os produtos de sua região na feira de artigos sustentáveis que ficava na pracinha da vila.

Mesmo hospedada no mesmo lugar que eu, demoramos alguns dias pra nos conhecer. Em um dos dias de evento, onde mais uma vez eu saía com a programação em mãos, mas sem ter a certeza absoluta de onde iria, Ilana me chamou. Estava sentada no sofá da sala com o computador em mãos. Hesitei. Pensava que me atrasaria. No entanto, aquela sensação de tentar não pensar no programado e deixar o inesperado acontecer, me fez sentar, deixar a mochila na mesa e ouvir o que queria me mostrar.

No notebook, Ilana que me contou que era presidente da nova, porém com futuro promissor, associação dos guias turísticos do Jalapão. E logo quis saber o que eu sabia sobre sua região, o que certamente me levou a dizer que só tinha visto algo em reportagens da TV. Ela abriu uma pasta do computador onde havia alguns vídeos institucionais do trabalho com as artesãs do capim dourado. Eu já tinha ganhado brincos e pulseiras

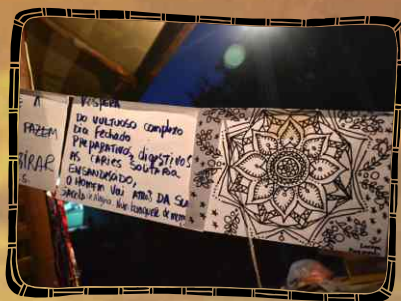
desse material, mas nunca imaginei em conhecer uma dessas artesãs.

Ela me explicou tudo sobre a colheita, a tradição de ensinar os mais jovens a colher e a tecer o capim, fazendo com que a atividade se torne uma arte singular. Também soube que agora as mulheres são mais valorizadas naquela região, ganharam autonomia com a produção de artesanato mais organizada e hoje seus produtos são levados para o mundo todo. Mas, não foi só a arte de lá que eu conheci. Como uma boa guia turística, com outros vídeos e fotos, Ilana me mostrou as paisagens e belezas do Jalapão. Contou sobre o crescimento do turismo na região e me convidou a ir pra sua terra, dizendo que teria casa e todas as dicas para conhecer aqueles lugares. A conversa com Ilana nem me deixou perceber que a tarde se foi e eu tinha voado numa viagem surpreendente para outro lugar, mais ao norte de onde eu estava.



Um Pouco da Programação



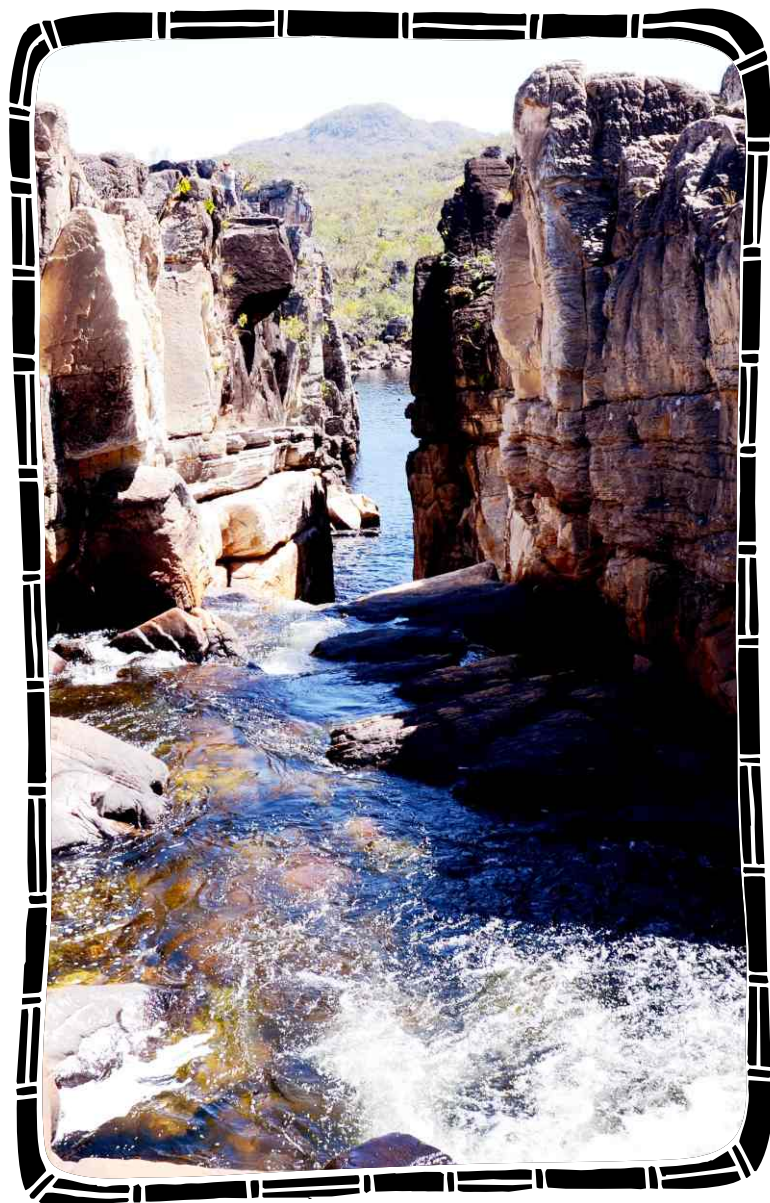


Garimpão, Fiandeira e Garimpo da Preguiça

São Jorge nasceu na mineração de cristais, como eu já contei lá no começo. Muitos dos filhos desses mineradores ficaram no local e se tornaram os primeiros guias turísticos da região. Dona Socorro, a senhora da pousada onde fiquei acolhida todos os dias, é uma dessas pessoas. Seu pai viveu na vila no auge da mineração, chegando lá na década de sessenta em busca do garimpo depois de ter terminado a construção de Brasília. Conheceu o local e só voltou para a capital do Brasil para buscar a família. Entre os garimpos mais conhecidos estavam: Garimpão, Fiandeira e Garimpo da Preguiça. Além de trabalhar ele também colocou um mercadinho para abastecer os habitantes da região. Mesmo com a grande quantidade de cristais que se encontrava na época, lembrou o quanto a vida era difícil mesmo existindo muitas ilusões do momento. “Tudo isso é um sonho e tudo isso uma ilusão”, disse Socorro. Se ganhava muito dinheiro, mas se perdia na mesma velocidade que se ganhava, gasto com bebida e com “farra”. Dona Socorro disse não se recordar de ter ouvido dizer que alguém por lá “enricou”. Ela guarda também as lembranças da década de 1970, quando o Ibama proibiu a mineração, e mesmo assim seu pai não quis sair dali. O turismo só chegou nos anos 90, e a energia elétrica foi levada à vila em 1995, época em que a procura pelas cachoeiras e belezas da Chapada aumentou.

Hoje, dona da pousada, Dona Socorro se aposentou de um cargo público na capital e intercala seus dias entre



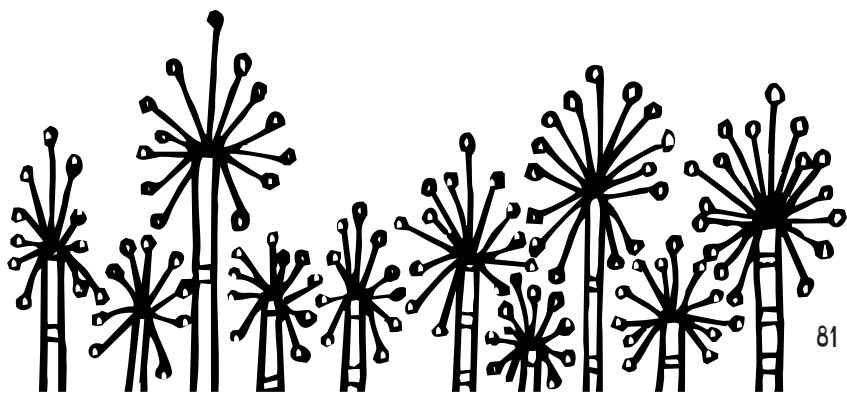


Brasília e a Vila de São Jorge. Ela e toda sua tranquilidade harmonizam com a paz que há naquele lugar, ainda que, os dias do Encontro representem pra todos os comerciantes um momento importante de ganhar com o movimento.

Ela sempre se queixava pra mim de que a correria do evento a deixava cansada. Mas que depois de acabado, a saudade desses dias batia forte.

Alguns nativos, filhos daqueles primeiros mineradores ficaram por lá e se tornaram guias da chapada levando e conduzindo, como bons conhecidos do local, os turistas para as paisagens exuberantes que o lugar possui.

Sr. Wilson é considerado um dos pioneiros nesse ramo. Nascido e criado na vila se tornou um dos guias mais famosos do local pela sua experiência e simpatia. Ele contou que abandonou totalmente o garimpo rio abaixo e rio acima, depois de uma tal reunião no Rio de Janeiro, no ano de 1992. Ao saber disso, logo imaginei que a data coincidia com um acontecimento importante para as políticas ambientais. Para Sr. Wilson, o turismo de São Jorge e o Encontro de Culturas é o que existe de melhor por lá, levando gente, música e alegria para sua terra.



Alimentar o Brasil

Eu sempre fazia o trajeto da pousada para a aldeia por uma trilha. Como meus horários se modificavam de acordo com as pessoas que eu encontrava pelo caminho, preferia procurar caronas para voltar, pois a trilha era um caminho íngreme de descida na ida e subida na volta.

Na pousada, facilmente encontrava pessoas interessantes e com histórias ou missões de vida peculiares. A maioria estava ali porque participaria do evento em algum momento, o que tornava a estadia de muitas dessas pessoas, rápida e passageira. Mas, a Simone e o pequeno Pedro, mulher e filho do indigenista Fernando Schiavini, permaneceram por lá o mesmo tempo que eu.

Pedro tinha apenas seis meses. Desde o dia da abertura, ele vinha todo pintado com jenipapo, assim como eu e muitas outras pessoas que passaram pelo local. Filho de um dos mais antigos indigenistas da Funai, ainda em atuação, não poderia ser diferente. E Simone também era alguém com uma história de vida interessante.

Trabalha em projetos de conscientização com mulheres indígenas de aldeias do Tocantins e Goiás, levando a mensagem da importância da alimentação saudável entre as comunidades. A introdução do sal, do açúcar e de tantos outros produtos industrializados ao longo dos anos de dominação fez com que muitos povos perdessem seus costumes e hábitos, incorporando diariamente outros alimentos à alimentação. Seu trabalho se baseia em viagens para

as aldeias discutindo esse tema.

O pequeno Pedro, que tem o nome indígena Penon em homenagem a um índio guerreiro morto em combate, sorria para todos os lados. Sua serenidade fazia com que a mãe se sentisse a vontade pra deixa-lo comigo quando precisasse. Ela percebe logo que eu me dava bem com crianças e todas as manhãs eu trocava com ela para que pudesse tomar o café mais tranquilamente.

No evento ela deu uma oficina junto com a Dra. Clara Brandão, criadora da multimistura, e responsável pelo combate à desnutrição e recuperação da saúde de crianças em muitos estados brasileiros. Suas ideias alcançaram o mundo e ela continua a lutar contra a fome nos mais diversos lugares.

Mais uma vez, um encontro inusitado me levou a conhecer uma pessoa da qual eu já tinha ouvido falar muito em minha vida. Entrei no carro que a Simone tinha me indicado e logo ela começou a conversar com a senhora que estava ao meu lado. Foi quando me disse quem era e me presenteou com 3 livros que falavam sobre programas de alimentação e saúde familiar.

A doutora também me contou sobre sua dificuldade em transmitir alguns conhecimentos para os povos indígenas, por isso, o trabalho feito por Simone que está em contato constante com eles é tão importante. Mais uma vez eu me deparava com a história, com a vida e com a presença de alguém que eu não tinha me dado conta que estaria no Encontro e, mesmo se tivesse, o não planejar deixava tudo mais gostoso. Ela, com seu jeito de falar meio rápido, ensinou a Simone que dava uma fruta para o Pedro comer, que as

crianças não precisam das frutas cortadinhas ou amassadas, que assim que tivermos a capacidade de segurar em nossas mãos, podemos fazer isso sozinhos. A conversa não foi longa demais, mas durou tempo suficiente pra que ela passasse um pouco de todo seu conhecimento pra mim. Assim que chegamos na aldeia, elas foram preparar a oficina, que ensinou as mulheres indígenas a fazer uma farofa de mandioca super nutritiva e que não vai no fogo.



Os Tambores lá do Tocantins

Uma das apresentações mais esperadas do evento era de um grupo do qual eu nunca tinha ouvido falar, os Tambores do Tocantins. Pelo que soube, eles tocavam há algum tempo na programação, e as pessoas da vila, principalmente as crianças e jovens da Turma Que Faz, aguardavam ansiosos mais um espetáculo. Antes de tocarem no palco principal, os meninos do grupo acompanhados do Mestre Márcio Bello deram uma oficina de percussão na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge.

Nessa tarde, eu tinha resolvido ficar na vila para acompanhar a programação de oficinas e rodas de prosa, e fui conferir. Em forma de círculo eles fizeram dinâmicas e brincadeiras para transmitir um pouco de percussão corporal e ritmo.

Os tambores tocados por eles eram feitos de tronco de árvores, mas a diferença estava no acabamento, onde cada um representava algum animal do cerrado tocaninense, ou então formato de rosto negro e indígena. Ao final da oficina, precisei ir conversar com



rodearam para saber mais sobre o projeto. Fiquei ali junto ouvindo as perguntas feitas, para depois fazer as minhas.

Eu quis saber de cara, de onde ele era, quando tinha começado no mundo da música e coisas assim. Fico sempre intrigada em saber os caminhos que as pessoas percorreram para chegar onde estão, mais do que os dados do sucesso atual. Márcio começou na música aos doze anos, tendo aprendido com o avô que era catireiro e dançava samba de roda. Com ele, muito jovem, aprendeu a tocar percussão.

O profissionalismo veio ainda jovem, aos 17 anos. Nascido no Mato Grosso do Sul, quando surgiu o estado do Tocantins se mudou para lá. Uma terra nova, mas nela as pessoas se importavam muito com suas raízes culturais, como conta o músico. Essa preocupação com as raízes culturais das pessoas o levou a fazer um trabalho de pesquisa, viajando e fazendo cursos com mestres mais experientes para encontrar as respostas que buscava. E, a palavra dos



mestres segundo Márcio era: "o que você faz pela música além de tocar? O que você faz para o futuro da música?" O que colocou em sua cabeça vários questionamentos em busca de desenvolver um trabalho que pudesse contribuir de maneira mais intensa, da forma como os mestres lhe diziam. Assim nasceram os Tambores do Tocantins, a partir da ideia de preocupação com a valorização das culturas tradicionais e da inclusão, aumentando o alcance dessa informação entre as pessoas. Como ferramenta para colocar o projeto para funcionar, ele optou sabiamente por trabalhar com as crianças e os jovens. "As crianças pra aprenderem a gostar desde pequenos e os adolescentes para colocar em prática", ele me disse.

O projeto, com sede na cidade de Porto Nacional foi o primeiro Ponto de Cultura do estado, dentro do programa nacional Cultura Viva, fazendo com que o estado do Tocantins firmasse o convênio dos pontos de cultura.

"Apresentamos as coisas peculiares da cultura tocantinense, e trabalhamos o universo da música tradicional brasileira" é a definição dada por Márcio para explicar o que faz pulsar os Tambores. Hoje há cerca de 400 jovens envolvidos, que vão de 7 a 24 anos. As crianças, quando entram no projeto, passam por um processo de musicalização sem instrumento, com percussão corporal e com história oral, contando como que o homem descobriu a música, a criação dos primeiros instrumentos que foram os de percussão, pra imitar os sons da natureza. Uma das marcas e diferenças do projeto foi ouvir o Márcio contar que após a musicalização, eles vão



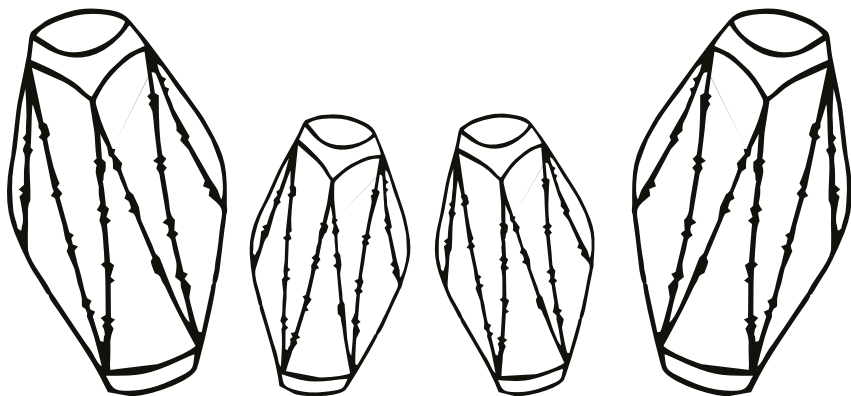
construir seus instrumentos, ou seja, todo mundo vai fazer seu instrumento pra começar a tocar, mantendo assim a tradição que existe dentro do folclore tocantinense onde o músico produz seu instrumento. Conforme o tempo vai passando, e eles chegam na idade que podem ser aprendizes, há a opção de fazer cursos profissionalizantes, em técnicas de marcenaria de instrumentos tradicionais passando a ser multiplicadores das atividades de musicalização. Claro que tudo varia de acordo com a vocação de cada um, e lá eles também têm a opção de trabalhar em outras funções como: iluminação, cultura digital, produção de áudio, vídeo, fotografia.

O grupo faz parte da Ação Nacional Griô, palavra inspirada em uma região da África onde acontece de forma intensa essa transmissão de saberes, nas quais os mestres interagem com seus aprendizes de aldeia em aldeia, passando conhecimentos com a convivência. Assim como Márcio teve o privilégio de ter o contato com mestres de tradição oral em sua



formação, as crianças e jovens do projeto recebem a mesma oportunidade através desse programa nacional. Os mestres de tradição oral são levados para interagir com as crianças nas escolas ou então elas vão visitar os mestres e por meio de vivências onde se ensina a construção de instrumentos, contação de histórias, entre outros saberes que só a troca de experiência é capaz de transmitir.

No Encontro de São Jorge, o grupo participou na primeira edição, quando os mesmos meninos que hoje



são jovens eram crianças. Em 2009, oito anos depois retornaram e desde então estão presentes todos os anos consequência do público que pede para que eles retornem. Marcio me disse sobre essa participação: “Pra gente é um momento muito importante porque a gente consegue alimentar nosso trabalho, nos inspirar com os grupos de vários lugares do Brasil e nossa evolução com o tempo”, o mestre me contou que a cada ano o Encontro os provoca a inovar, trazendo sempre algo novo. É lá que eles recarregam as energias para o resto do ano.

Mais uma vez, viajei para o estado do Tocantins sem sair do lugar, e agora era a música e a cultura tocaninense que me faziam imaginar a dimensão de um projeto como esse. Conversar descontraidamente com a pessoa que o fundou me fez sentir mais uma vez a gratidão humana, de pessoas que doam suas vidas em prol de causas maiores, somando força e talento.



Ponto do Encontro



O ponto central da produção do evento ocorria na ASJOR, Associação dos Moradores da Vila de São Jorge. Por lá circulavam praticamente todas as pessoas que iriam se apresentar, dar alguma oficina, participar de rodas de prosa etc. E, era também nesse local que se encontrava a equipe de comunicação, para eventuais entrevistas especiais antes ou após a apresentação artística. O local funcionava como ponto de encontro para o que quer que fosse. Eu sempre ia pra lá pela manhã, acompanhando mais de perto a programação – que podia sofrer alterações a qualquer momento – e decidindo sempre em cima da hora para onde finalmente iria. O pessoal do jornalismo continuamente me chamava para participar de entrevistas coletivas, me explicando mais sobre algumas daquelas pessoas que eles já conheciam de eventos anteriores.

Num desses dias, enquanto eu tomava um cafezinho na cozinha da Associação, o violeiro Noel Andrade estava por ali e começamos a conversar. Logo ele seria chamado pelos jornalistas para a entrevista sobre sua participação, que nesse ano teve um gosto especial e triste ao mesmo tempo.

O motivo dessa tristeza que pairava sobre todos que conheceram o músico Dércio Marques, um dos personagens que marcaram as edições passadas havia falecido há algumas semanas. Além da presença marcante que Dércio sempre teve no evento, sua música ecoou por muitos cantos do Brasil, e lá na vila, sua irmã Doroty Marques, tão talentosa quanto ele, preparava junto a Noel e outros célebres violeiros e cantadores, uma homenagem ao irmão.

Na sombra das árvores do quintal da associação, eu tinha acompanhado um desses ensaios, sem saber do que se tratava. Após almoçar, passei no local para descansar nos bancos de madeira que havia por lá, e acabei por acompanhar uma tocada incrível, ora com viola, cajón e ora somente a capela. Até mesmo a mãe do Dércio acompanhava o coro de vozes.

Descobri nessa rápida conversa que Noel era da minha região, de Patrocínio Paulista, perto de Franca. Acho que quando se encontra com pessoas de perto, em lugares longes, a proximidade e empatia acontecem de forma mais natural. Algo de certa forma nos unia e nos fazia parecidos em muitas coisas.

Contei de mim, da minha ida ao Encontro, e ele me disse que já participada há alguns anos, tocando junto com o Dércio. Falou sobre nosso interior, sobre sua vocação para tocar viola e em muito pouco tempo, mergulhamos em um papo que falava sobre as origens



da nossa cultura na Paulistânia, tema das suas pesquisas, refazendo o caminho do Anhanguera em busca das origens da cultura caipira que paira sobre grande parte do Brasil.

De lá fomos para a sala onde ocorreria a entrevista mais formal, para cumprir a pauta do dia dos jornalistas. Com o violão nos braços ele falou muito do grande amigo e mestre que havia perdido de maneira repentina. Contou que o Dércio era um músico capaz de transformar a forma de cada um de fazer música. Noel conheceu ao acaso a obra musical do Dércio e da Doroty Marques (que terá um capítulo à parte). O violeiro foi um dos grandes personagens da música regional brasileira.



Há quem diga, como contou Noel, que ele pode ser considerado o responsável por dar forma a esse tipo de música, misturando o rural com o urbano e levando tudo isso pra rua, juntando pessoas, promovendo encontros. “A função dele era levar e trazer informação

em uma época em que o Brasil mal tinha estradas”, disse o violeiro com a saudade transparente em seus olhos.

“As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Com essas palavras do mineiro Guimarães Rosa Noel descreveu a sensação da presença do Dércio na homenagem que apresentada na noite anterior no palco principal. Para ele, cada um dos músicos que tocaram tinha lá em cima um pedacinho do que o mestre Dércio lhes ensinara.

Na descrição do paulista, Dércio foi um músico que teve a sensibilidade de passar pelo mundo com sua família, e nos lugares por onde andaram, conseguiu captar as informações de muitos tipos de música, e era isso que o fazia um gigante.

“Tem uma frase que diz: **‘Quando sonhamos as flores do alto, sem querer pisamos as flores rasteiras.’** E isso ele não fazia, ele pegava e enxergava as coisas de baixo, de um jeito que só um mestre é capaz de achar” contou o músico, mais uma vez tomado pela emoção. Neto de um músico de roça, Noel sempre brincou com os instrumentos da família. Mas decidiu ser músico apenas mais tarde, perto dos 20 anos e embarcou no caminho da viola.

Sobre as proporções culturais dessa manifestação popular, ele diz não saber o que fez com que a viola ficasse recolhida na mão do camponês brasileiro. O que se sabe é o resultado dessa história reside no fato desse instrumento ter caído “nas almas do campo, durante muito tempo” o que somou saber, pouco a pouco, pela mão dessas pessoas gerando uma cultura singular.



“A viola não é só esse instrumento de corda que vemos aqui, é um movimento cultural todo e o violeiro Paulo Freire falava que dentro do bojo da viola existe o sertão”, me disse sobre a dimensão talvez pouco conhecida ou compreendida do tocar e se fazer música de viola.

Eu mesma nunca tinha parado para pensar na riqueza cultural dessa cultura, tão típica e conhecida do lugar de onde eu vim. Noel, com suas palavras de quem é um violeiro que representa a nova geração, disse que esse instrumento carrega muita informação e que “onde ela está, está a alma do caboclo”.

Também se trata de um instrumento, como ele contou que pode ser tocado de qualquer maneira, não pra ser utilizado somente em música caipira. Basta encontrar o caminho certo pelas suas cordas.

Colocando mais curiosidade à conversa, o músico puxou mais sobre a história do instrumento, originário da península ibérica, trazido para o Brasil e aqui transformado. Noel contou que Portugal é o país onde mais se tem instrumento de corda no planeta e mesmo assim, hoje os portugueses voltam ao Brasil para conhecer o aperfeiçoamento da viola e dos nossos violeiros por haver um movimento diferente aqui onde pessoas tocam de tudo na viola.

O motivo dessa diversidade musical se reflete segundo ele por conta de nossa mestiçagem. “Aqui cada um vem de um canto e tem uma mestiçagem diferente” falou enquanto comparava todos as quatro pessoas que estavam naquela sala. Não havia ninguém igual.



“Eu acho que a nossa mistura faz a gente misturar ainda mais” disse sorrindo. Mas, o que mais me fez pensar durante muito tempo nos minutos finais de entrevista, foi ele dizer que por mais que não saibamos todas as nossas origens, se é portuguesa, indígena, africana, italiana, árabe ou o que quer que seja, chega uma hora que a alma pede. Naquilo que se escreve, pensa, no que se fala, no que se come, e em tudo que passa a fazer parte do ser de cada um, refletindo na nossa cultura.

“Cultura pra mim é tudo que nós vivemos, selecionamos de melhor na nossa existência, na nossa passagem pela Terra” finalizou. E essas palavras ecoaram em mim todos os dias restantes do Encontro, me levando a pensar que toda aquela diversidade cultural com a qual eu me deparava a cada instante na Vila, e que me realizava de certeza forma, por estar em contato com tantos povos diferentes de uma só vez e pela primeira vez.

Essa experiência podia com certeza ser o reflexo do meu ser, nascida de uma mestiçagem intensa, nesse lugar cada um podia ser o que era em plenitude. Lá tinha um pouco de cada Brasil que também estava dentro de mim, dos meus avós nordestinos, do meu bisavô negro, do meu avô italiano, da minha bisavó cabocla e da minha vó metade cabocla e metade ibérica. Tudo então fazia muito mais sentido.



Traços da América Latina



Un pueblo sin piernas, pero que camina

A programação do palco principal da vila, que acontecia sempre na parte da noite reservava surpresas por meio de grupos diversos, vindos de lugares diferentes e com sons peculiares. Um desses grupos, que me chamou muito a atenção se chama **Chasky, Tempos Reencontrados**.

A música feita por eles dava a sensação de pisar no continente latino americano. Exploravam flautas indígenas, ritmos brasileiros, tambores e outros instrumentos fazendo um som que viajava pelo tempo. Como o próprio nome já diz, o reencontrar dos tempos tinha de fato a ver com a música e com a performance do grupo.

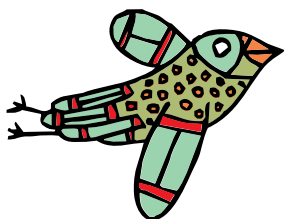
No palco, alguns senhores já com certa idade junto a jovens de menos de trinta anos tocavam com uma

sintonia incrível. O figurino também parecia se inspirar nas paisagens andinas e frias do nosso continente. Ao terminar o show, fiquei perto da saída dos músicos, curiosa para saber mais sobre esse grupo, apresentado como sendo de Campinas, cidade muito próxima da minha.

Um senhor com uma daquelas tocas de peruano e um poncho muito trabalhado veio sorrindo ao meu encontro. Acho que ele percebeu a curiosidade em minha cara e logo chegou perto. Conversamos por pouco tempo porque eles tinham que ir e o som do palco não deixava a conversa fruir tanto. Eu comecei a perguntar sobre o grupo, e ele logo contou emocionado, que o Brasil precisava saber mais do continente em que habitava. “Aqui ninguém conhece a América Latina” ele me disse, como se soubesse que eu partilhava da mesma sensação e pensamento. Equatoriano, há mais de cinquenta anos vive em terras brasileiras, ele fundou o grupo em meados de 1960 quando chegou do Equador na cidade de São Paulo para estudar arquitetura. A pequena prosa deve ter feito parecer que a pessoa para quem ele falava já tinha tido essa experiência, de mergulhar numa parte do continente latino, querendo gritar aos quatro cantos sobre essa diversidade a todos aqueles que não a conhecem nem a valorizam.

E mais uma vez repetiu, com certa indignação, que os brasileiros não sabiam nada sobre seu país, e que precisamos conhecer mais a vida um do outro, desde a localização geográfica até todo o resto. Ele falou um pouco sobre o grupo, que existe há muitos anos, mas pareceu muito mais preocupado em reforçar a





corrente latina que nos unia, me colocando assim como ele, como mensageira dessa missão. Vicente Guillermo, como eu fui descobrir apenas ao final, teve que sair com certa pressa, mas antes sorriu me dando um abraço forte. Ele disse ao final que tinha ficado feliz ao me conhecer. E eu, nesse momento ainda estava assimilando a proporção desse encontro, a sabedoria desse senhor e sua capacidade de transformar um pouco mais o meu país, que a essa altura também já era dele. Pincelando com a música um pouco mais da Latino América que pode existir no Brasil.

Outra apresentação que por alguns dias também deixou na pequena vila um ar latino americano foi a do grupo chileno Merkén. Vindos de Santiago, eles estavam fazendo uma turnê em diversas cidades brasileiras, e tinha tocado no Memorial da América Latina em São Paulo.

Uma noite, enquanto eu caminhava da pousada até o centro ouvi um batuque diferente. Não era nenhum estilo brasileiro, mas algo que eu conhecia de algum lugar. Parei e liguei meu gravador para captar aquele som. O percussionista entoava um canto melancólico em espanhol, o que eu imaginei ser Violeta Parra. Mais gente foi se achegando e outros tambores entraram para o grupo nas mãos de pessoas que o

acompanhavam como se fosse uma oficina de percussão espontânea. Fiquei no local até que o show a céu aberto terminasse por curiosidade de conhecer aquele músico. Ele me contou que vinha do Chile com um grupo que tocaria naquela mesma noite, além de uma oficina de música latina que aconteceria na manhã do dia seguinte.

Música folclórica, Cueca, Cumbia, chacareira, e muitos outros estilos faziam parte do repertório deles. Na apresentação pude ver todos muito jovens, interpretando a música de um tempo passado, mas que nunca sai de época para se ouvir e apreciar. Os flautistas tocavam instrumentos enormes que junto à percussão e ao canto parecia fazer a terra pulsar noite adentro. Ora animada pela batida de tambores, ora mais calma retratando o sofrimento de poetas chilenos e de outros países latinos, a música que eles fizeram foi tão apreciada que voltaram a subir no palco principal no dia seguinte.



Catireiros do Araguaia



Passados alguns dias que estava por ali, já tinha passado a fazer parte da pousada, sabendo daqueles que chegariam, quando partiriam, ou mesmo dos problemas que envolvem a logística de um evento como esse. A pequena vila multiplica seus espaços para caber tanta gente durante esses dias. Eu mesma passei a habitar na sala do local, me sentindo bem acomodada e tranquila naquele lugar.

Uma grande família havia chegado à pousada da Socorro. Um casal de senhores, filhos, netos e bisnetos. O grupo, em forma de família e vice-versa vinha do norte do Mato Grosso, na região a beira do Rio Araguaia. Por conta disso, o nome dado ao conjunto de música caipira tradicional era: Catireiros do Araguaia.

Sr. Orlando Fernandes, o pai de todos era o esposo da dona Joana, mãe e compositora do grupo. Eu os conheci antes da apresentação, enquanto se ajeitavam nos quartos da pousadinha. Logo começamos

a conversar e eu pedi para entrevistar o senhorzinho simpático que pareceu ter começado tudo aquilo. A primeira vista ele disse que eu devia mesmo era procurar um de seus filhos, que era estudado e tudo mais. Mas eu falei que acreditava que ele teria boas histórias pra contar. E assim começamos a conversar. Liguei o gravador, mas isso não intimidou a prosa que seguiu durante um bom tempo, enquanto netos e filhos passavam pela sala a lhe perguntar alguma coisa. E ele logo respondia me apresentando como a “jornalista” de São Paulo, que queria saber mais sobre eles.

Todos da família que passavam me cumprimentavam com a mesma simpatia do senhor. Eu logo falava que era do interior de São Paulo, o que faz toda a diferença, e também dizia que lá havia muita catira e viola, diferente da capital.

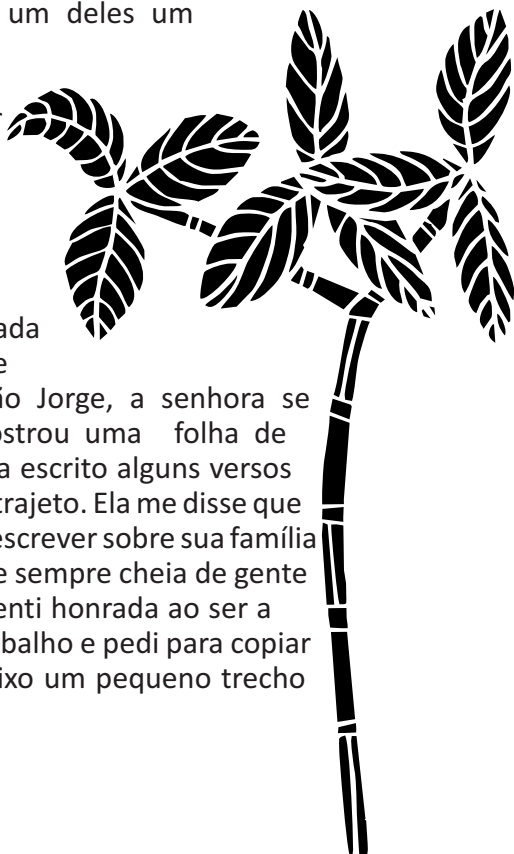
Companheira de cantar e de casamento, foi as palavras que ele usou para definir sua esposa e disse também que naquele dia completavam 53 anos de casados. O grupo começou quando eles se uniram, porque os dois já cantavam, e se conheceram através da música. A dúvida em continuar ou parar de cantar e tocar surgiu no nascimento dos filhos. “Que nos vamos fazer? Criar os filhos? Tocar viola? Porque quem canta não pode ter muito filho né?” ele questionou lembrando o que havia pensado na época.

Dona Joana se achegou onde estávamos e falou que decidiram fazer as duas coisas, seguir no caminho da música e criar os muitos filhos que tiveram. Assim, todos que nasceram conviveram com a viola, ou mesmo aprenderam a dançar catira, já completando e

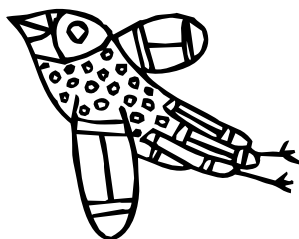
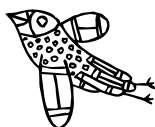
aumentando cada vez mais o grupo. A família musical têm hoje quatro duplas de violeiros, e todos os demais dançam catira. O grupo todo, na maioria das vezes enche os palcos por onde passa com vinte catireiros. Na vila, eles estavam reduzidos a dez, e mesmo assim, vieram em grande número. O que eu soube por ele foi que todos juntos somavam mais de cinquenta pessoas. Sr. Orlando contou que ganharam prêmios de viola por todo o Brasil, levando essa manifestação cultural para os mais diversos lugares. Conforme as pessoas iam passando por nós ele apontava: essa é minha netinha catireira, ou esse é meu filho violeiro e por aí fui conhecendo cada um deles um pouco mais.

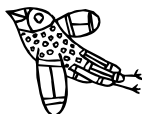
Dona Joana,
pelo que soube por
ele é a poeta do
grupo, além de
cantar, compôs
muitas modas
musicadas e
apresentadas em cada
show. Na viagem de

Araguaiana até São Jorge, a senhora se inspirou e me mostrou uma folha de caderno onde tinha escrito alguns versos inéditos durante o trajeto. Ela me disse que sentiu vontade de escrever sobre sua família e sua casa, que vive sempre cheia de gente e de música. Me senti honrada ao ser a primeira a ver o trabalho e pedi para copiar a letra, da qual deixo um pequeno trecho abaixo.



Na casa da mãe Joana
Todos tocam e sapatea
De mamando a caducando
Tradição corre nas veias
Todos cumprem sua missão
Não foge nenhum da raia
Raiz viola e catira é
Com os catireiros do Araguaia.







Vindos de longe e de perto

A diversidade cultural presente na essência do evento permite que os participantes se deparem com pessoas vindas dos mais remotos lugares, que durante alguns dias estarão ali compartilhando seus saberes, experiências e histórias de vida.

Na aldeia, em meio às 9 etnias Indígenas convidadas, a possibilidade de conhecer diferentes modos de habitar o planeta também se multiplicava. Era questão de chegar, olhar os artesanatos expostos, conversar e puxar um papo talvez banal, mas que seguramente se desencadearia em questões existenciais sobre a existência humana ou mesmo em narrativas peculiares de gente vinda de outros lados.

Assim que eu conheci Nestor Casteñera, um indígena equatoriano que estava participando do evento com mais quatro pessoas da sua família. Vieram do Equador à São Jorge de ônibus, em uma viagem tão longa quanto a história do povo que representava. Descendentes dos incas, representavam parte da etnia “quéchua” que compõem grande parte dos nativos na região de Peru, Bolívia e Equador.

Nestor vestia trajes típicos andinos, e seus traços também o diferenciavam dos indígenas brasileiros presentes no evento. Em sua comunidade, os familiares vivem da agricultura e da venda de artesanato. Em um lugar montanhoso moram cerca de 5 mil pessoas, a maioria do plantio e de “la cosecha”. Nesse mesmo dia, na apresentação da Aldeia ele e sua família apresentaram sua música e sua dança. Flautas e instrumentos diversificados, além de trajes com cores

e tecidos típicos deram um ar especial a apresentação que chamou a atenção dos presentes. Durante os outros dias em que eu passava por lá, sempre parava para conversar com eles e saber suas impressões do evento, do Brasil e dos seus dias por lá. Assim como eu, eles também estavam em um lugar novo e participando de algo inédito.

Outra história de vida interessante que conheci na aldeia, foi contada dessa vez por um índio brasileiro. Yawat Meinako, que significa onça, na origem tupi. O pai é aruak, mas a mãe é aruak do yawalapiti, o que fez com que o menino desde pequeno aprendesse a falar dois idiomas diferentes no berço da família. O povo Yawalapiti habita a região do norte do Mato Grosso, no Parque Nacional do Xingu. Nessa área vivem mais de dez etnias indígenas, onde cada uma busca manter sua cultura, mesmo com a convivência intensa entre as diversas tribos. O local é considerado uma das maiores reservas desse tipo do mundo, são mais de 30 mil quilômetros quadrados de área.

Ele viveu até os 4 anos na aldeia, mas depois tiveram que se mudar porque o pai se tornou funcionário público de vigilante da Funai em um posto na cabeceira do Xingu. Por isso, foi para na cidade aos 5 anos. O jovem que estudava em Brasília, cursando o ensino médio quando conversamos, contou que durante esse tempo todo viveu na cidade, mas sempre frequenta ao máximo a aldeia nas férias, permanecendo por lá todo o tempo livre que tinha, tendo contato com uma vida muito diferente da civilização, como ele relata. Yawat me contou sobre seu sonho de cursar medicina, e disse que estava estudando muito para isso, com a ideia de



ao final do curso, retornar a aldeia e cuidar do seu povo. Segundo ele, a quantidade de pessoas com coragem de trabalhar na causa indígena ainda é pequena, e em sua opinião isso se dá pela diferença de visão de mundo do homem “branco” com aquela das comunidades tradicionais.

Coco, samba e bamba.

A diversidade cultural das manifestações que se apresentaram no encontro fazia de cada dia um momento único de descoberta e imersão na cultura e também na música popular brasileira. A localização geográfica mais achegada aos estados do norte e do nordeste trouxeram ao palco e aos presentes a sensação de proximidade com as manifestações culturais de cada uma dessas regiões. Eu mesma, nunca tinha dançado samba de coco, e





em alguns dias era capaz de esperar ansiosamente pelo próximo grupo que apresentaria essa representação do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Nascido no sertão pernambucano, o samba de coco surgiu da influência cultural africana, vinda das senzalas. O ritmo marcado pelo pandeiro, pela zabumba e pelo ganzá se difere dos sambas mais populares na região sudeste do Brasil. O coco é quebrado em uma forma de batuque contagiante, e a dança em forma de roda recebe as cantigas em coro que contam histórias cotidianas do povo.

Uma das apresentações mais esperadas desse ritmo foi do grupo *Matinada*, que reúne mestres pernambucanos que fazem a história do coco no nordeste se espalhar por todo o país e fora dele também. Versos de improviso, percussionistas que dançavam e tocavam, e a roda que só aumentava fez o povo balançar ao som do coco em São Jorge. A poeira do chão batido da vila levantava em meio aos passos marcados da dança.

O desconhecido rapidamente se tornou familiar para mim, que nos outros dias já reconhecia o começo de uma roda de coco, diferenciando de outros ritmos.

A diversidade da cultura popular brasileira se espalhava pela vila nos diversos grupos de pessoas que participavam do encontro.

Doroty e a Turma que Faz

Uma das figuras mais marcantes do encontro, que eu vi desde o começo sem saber ao certo qual seu papel era Doroty Marques. A importância se apresentava pra mim, com a forma dela conduzir os ensaios e a firmeza ao falar com as crianças da Turma que Faz, projeto que dirige na Vila.

Somente após muitos dias de evento consegui um tempinho de entrevista para saber mais sobre essa mulher imponente, que com a voz já um pouco rouca de tanto cantar pelos rincões do mundo, comandava um pelotão de crianças nos ensaios da esperada “Opereta” que seria apresentada.

O pouco que eu sabia sobre seu trabalho tinha sido me contado por pessoas da equipe de comunicação, que já a conheciam há alguns anos. Quando nos falamos, me apresentei e ela sorrindo começou a falar mais sobre si.

Doroty Marques, irmã do falecido violeiro Dércio Marques, homenageado no Encontro me contou logo de cara, que quando pequena, era proibido para as mulheres tocar. E ela que vivia num ambiente de músicos, era mandada embora porque “menina não podia ficar lá perto”.

A resistência da época a motivou a seguir essa carreira. Ela era filha de um veterinário, mas que segundo Doroty, cantava e tocava. Quando tinha 6 anos ela disse ao pai que seria uma artista. Ele, índio guarani, veterinário e cuidador de animais, mas segundo conta a musicista, era apaixonado pelas artes e por isso influenciou e permitiu que a menina seguisse



esse caminho. Assim cantou em programas de rádio, viajou com o circo e nessas andanças foi aprendendo e criando sua música. Mas, na Vila, ficou conhecida pela atividade que desenvolve com crianças.

“Já passei pela floresta amazônica, nos pântanos, no cerrado, no pantanal” me contou com emoção. Doroty percorreu quase todas as capitais do Brasil, tocando e cantando ou então plantando a semente de projetos de arte-educação com crianças. Em São Paulo trabalhou com mais de 100 mil meninos de comunidades carentes e passou 25 anos nas maiores favelas do país.

Uma mulher com força e talento, que naquele momento de sua vida se dedicava ao projeto Turma Que Faz, onde as crianças da vila criavam e aprendiam a cultura popular brasileira através da arte e da música. Lá o projeto atende a 200 crianças, 50 da vila e 150 de Alto Paraíso. Ela conta que os únicos “estrangeiros” são ela e o professor de arte, Tête.

Doroty chegou a gravar dois discos pelo selo Marcos Pereira, o primeiro de música alternativa no Brasil. Só que ela pensava diferente, e chegou a conclusão, segundo conta, de que era só mais um bom artista nos palcos e nos teatros. Enxergando além do que a maioria vê, avistou um Brasil vasto de gente e de vidas que precisavam aprender da música e beber de uma cultura rica e diversa. Nas suas palavras: “Vi que não tinha ninguém nas favelas, nos campos, ninguém na floresta, por isso eu fui embora”

Há mais de quarenta anos anda pelo Brasil deixando sementes como o projeto da vila, que ela define como uma salada mista onde se encontra o mundo inteiro. Doroty me falou sobre a necessidade de se entender sua identidade na cultura ou no modo de viver. E assim que define a Turma Que Faz, como uma escola que tem como utilidade principal sensibilizar o ser humano. Essa é a motivação que teve para tê-la criado. O sentir ficou jogado. Com essa frase Doroty denomina o ocorrido no mundo atual, as novas gerações, a universidade, a escola e tudo mais. “Por isso, a Turma Que Faz, permite a você sentir, e eu acho isso ótimo, ver as crianças sentindo”, ela conta. O projeto promove o despertar da existência e mais ainda, da importância de cada um no mundo. Lá se aprende também a cuidar de si próprio, a amar o rio, a árvore e a todos. Conversar com a idealizadora desse projeto gigante, pouco conhecido ou divulgado, me fez sentir importante naquele momento. O intervalo entre show logo iria terminar e estávamos ao lado do palco num certo tumulto. Mesmo assim ela concluiu o papo

dizendo que as pessoas deixaram de amar a si próprio em troca de um mundo que vive a plástica do consumo, se esquecendo do coração. “Minha preocupação principal é despertar o coração, usando a arte como linguagem. E me contou como se fosse um segredo que deveria ouvir com mais atenção: “Força de mulher é uma coisa complicada, não se consegue administrar. Fiz isso a vida inteira e vou continuar fazendo isso até morrer, não sei fazer outra coisa”.



Conhecendo os Xavantes

Os povos indígenas que estavam na Aldeia se espalhavam pelos diversos espaços reservados para cada etnia. Alguns se mesclavam mais com os visitantes do evento e outros ficavam mais fechados, junto aos seus, tocando, conversando, cozinhando e observando um pouco mais de longe tudo que acontecia por lá.

Em uma conversa com um fotógrafo que registrava imagens pela aldeia descobri que acompanhava um grupo de Xavantes que vinha do norte do Mato Grosso. Ele me contou sobre seu contato com a comunidade e o trabalho que desenvolvia, dando aula na escola da aldeia e promovendo trabalhos audiovisuais junto aos índios.

Nessa conversa ele me convidou para conhecer o local onde eles estavam ficando, e se eles permitissem, eu poderia tirar algumas fotos. Logo de cara percebi que teria mais dificuldades até mesmo de comunicação. Apenas alguns presentes falavam português ou quando falavam eu tinha certa dificuldade de compreensão. Tudo isso fez com que minha curiosidade e a vontade de permanecer ali por mais tempo aumentasse.

Uma senhora, com a impressão de ser a mãezona de todos me contou que era a primeira vez que deixava sua aldeia, falou também sobre a saudade que estava de seu esposo e que acreditava que ele estaria com a mesma sensação. Também pude conversar com alguns dos homens que tocavam uma espécie de flauta de bambu e quiseram me mostrar mais da música que faziam.





O contato mais próximo com diferentes povos permitia conhecer a intensa diversidade que há entre as comunidades indígenas brasileiras, e me levava a perceber quão ignorante é a educação formal que nada ensina sobre isso nem sobre muitos outros componentes da cultura e histórias de tais povos. A forma de cortar o cabelo, a pintura corporal, a língua, a música e diversas outras nuances se diferem em cada uma das nove etnias que estavam no evento. Me sentei e por lá fiquei sem ver a hora e o tempo irem embora. Durante outros dias passei pelo local e já era recebida com um sorriso por parte deles. Isso fez com que eu tomasse algumas fotos do dia-a-dia diferente que eles viviam naqueles dias de evento. Também não me dava conta de que os dias do Encontro iam passando mais rápido do que eu imaginava e em breve era hora de voltar para uma realidade muito diferente de tudo aquilo.



Quem sonha e realiza

Para entender mais da ideia inicial do Encontro, eu procurei diversas vezes o idealizador de tudo aquilo, Juliano Basso. Impossível era conseguir um tempo na agenda lotada e cheia de atividades da pessoa que precisava estar atenta a tudo que acontecia. A logística do evento precisava estar a todo o vapor. Ele e algumas mulheres que trabalhavam na produção executiva não respiravam durante aqueles dias. Consegui conversar com Juliano há uma hora da minha carona partir para Brasília, de onde sairia meu avião.

Uma paulistana que mora na capital federal há alguns anos, Jussara Pinto, me contou parte do que inspirava e os motivava a construir algo daquele tamanho e com uma dimensão simbólica muito maior que aparente. Mesmo assim, ela sempre me dizia para procurar o Juliano em busca de um pouco da história que permeava o início de tudo aquilo.

Nesse dia, em que para minha surpresa o encontro tinha sido oficialmente encerrado e a organização se encontrava reunida na casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, enquanto faziam análises de tudo que havia se passado, os erros e acertos, esperanças e ideias para os próximos. Tinha agendado na noite anterior de encerramento um pequeno tempo de entrevista com o chefe. Passei por lá procurando notícias do Juliano e me disseram para ir até a casa dele que ficava na mesma rua. Na casa de cultura ainda tinha certa movimentação e por conta das vans e ônibus que saíam com os grupos de volta as suas casas.

Ele contou que começou o encontro junto com um



Idas e vindas

Quando cheguei a São Jorge, não tinha noção de tudo que estava por acontecer. O Encontro a cada dia se desdobrava em mil possibilidades de conhecer pessoas, momentos e culturas. A pequena vila se apresentava multifacetada em diversos palcos cenários de gente vinda de longe e de perto em busca de celebrar e partilhar cultura e conhecimento dança e diversão.

Os dias passaram e eu nem me dei conta de que logo chegava ao fim mais um evento. Na casa da Dona Socorro eu já era “de casa”, ajudava ela a servir o café da manhã para os grupos que ao final do evento lotaram todos os espaços da pousada. As pessoas na vila também começaram a se tornar familiares para mim, que cheguei sozinha a um lugar completamente desconhecido.

A sensação de pertencimento a esse universo e ao local se intensificava cada vez mais e eu nem sabia como sair desse mundo construído em quinze dias de estadia. Algumas pessoas da organização me ajudaram constantemente com dicas, tirando dúvidas e dando toques sobre com quem conversar e tantas outras curiosidades que enchiam minha mente naqueles dias. Alguns se tornaram amigos com os quais conversei de vez em quando até hoje.

Eu comecei a esperar a ciranda, as rodas de prosa, as folias, e tudo mais que pudesse acontecer na vila, na aldeia ou em qualquer outro espaço da vila que o encontro transformava em palco para momentos peculiares de aprendizagem e troca de saberes. A

poeira do chão batido da rua já tinha mudado muitas das minhas roupas de cor, e eu nem me importava. O sol que brilhava forte e o céu sempre azul, sem nuvens e a imagem da noite mais cheia de estrelas que já tinha presenciado começavam a criar uma memória feliz e ao mesmo tempo distante.

Pensar na volta, concretizar tudo que tinha acontecido durante aquele curto período de tempo era algo que encheria minha cabeça por muitos e muitos dias. O mundo da cultura popular, que oficialmente eu me deparei naquele pequeno espaço geográfico deixou marcas permanentes em mim. Jamais imaginei que um objeto de pesquisa pudesse se tornar um objetivo de vida. Depois de sair de São Jorge, uma carona me levou até Brasília de onde sairia meu avião de volta para São Paulo. A paisagem da capital, a distância e a carga histórica da região. A cultura candanga da capital passava a fazer mais sentido, e percebi o resultado de uma cidade nascida na década de sessenta, onde chegou gente vinda de todo canto do país. Lá eu começava a assimilar a transformação que o Encontro me trazia. Ao retornar as imagens, a música, o sabor dos alimentos do cerrado e muitas outras memórias se misturavam, e minha vontade naquele momento era compartilhar com todos o que eu havia presenciado. Queria que o som do pífano se fizesse presente, os tambores viessem do Tocantins para tocar nas ruas da minha cidade, e também queria poder conversar com povos de comunidades indígenas com mais frequência. Outra vontade latente dos dias de volta era poder transmitir para as pessoas com que convivía as sensações vividas no encontro. Falar, mostrar fotos e

grupo de amigos, quando cursava a faculdade de filosofia na Universidade Federal de Goiânia. A ideia surgiu do lugar e pela riqueza com relação ao patrimônio cultural existente na região. O formato segundo ele foi sendo criado através dos anos, sempre pensando em metodologias de preservação da cultura popular brasileira. Pude compreender um pouco mais sobre como o evento cabia dentro dos eixos de políticas culturais do Ministério da Cultura. A captação acontece em forma de luta todos os anos em busca de patrocínio de grandes empresas para a realização de todas as atividades. O diálogo entre a programação e os grupos escolhidos é pensado, segundo ele, em busca da diversidade cultural, sendo esse o eixo que permeia as ideias fundamentais da organização.

Conversando com ele percebi que o evento se fundamentava muito da necessidade de valorização de comunidades tradicionais, e que muitas das atrações trazidas se relacionavam com a busca por exaltar manifestações ocultas das mídias e do centro das atenções da sociedade.

Não exigi muito tempo porque dava para ver em sua expressão o cansaço daqueles dias intensos. Na hora percebi que tudo que precisava saber sobre o Encontro já tinha se concretizado e estava salvo no gravador, na câmera fotográfica e principalmente nas imagens e sensações de cada um daqueles dias. Agradei o tempo e me senti na obrigação de agradecer pela iniciativa, tendo a certeza de que a multiplicação de ideias como essa, pode trazer de forma mais intensa a valorização das culturas tradicionais brasileiras.

Voltei caminhando pela rua principal, que já se encontrava um tanto quanto vazia. O palco estava

sendo desmontado e a feira de artesanato sustentável também. Minha mala já estava arrumada, apesar de não saber como sair de lá. Entrei na pousada da Dona Socorro e ela me esperava com o sorriso de sempre. Ficaria na sua casa em Brasília, mais um resultado das amizades que acontecem nas duas últimas semanas. Pedi para tirar uma foto com ela, que estava sempre bem arrumada e de batom rosa ou vermelho. Eu tinha o rosto pintado de jenipapo e a expressão aflita de saudade antecipada. Depois da foto, fomos arrumar as bagagens no carro do seu filho. Nessa hora, Marie, a francesa que sempre aparecia por lá chegou afobada porque pensava que eu já tivesse ido embora. Nos despedimos com a sensação boa de companheirismo vivido naqueles dias. Ela pediu meus contatos e anotei em meio a nomes de etnias indígenas e tantos outros rabiscos que tinha no meu bloquinho. Vi que Marie estava com os olhos cheios de lágrimas e me senti no direito de fazer o mesmo. Até a Dona Socorro disse ter sentido desde o começo que ela era boa gente, mesmo não falando nossa língua.



vídeos, contar histórias e mais histórias parecia não ser suficiente. Lembrei das palavras do poeta Manoel de Barros que diz: “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. E conclui que era melhor deixar assim, para que cada um provasse em seu momento o encantamento trazido pela cultura popular.

Está dentro de cada um



Eu nasci Tietê, interior de São Paulo. A cidade não ultrapassa seus 40 mil habitantes. O tempo passa e ela continua com a mesma cara, pequena e pacata, onde a praça central é o ponto de encontro principal e todos se conhecem direta ou indiretamente. Nessa cidade, a cultura popular existe de forma intensa e tradicional. A Festa do Divino acontece há quase 200 anos nas

margens do rio Tietê. O tradicional batuque de umbigada, uma das manifestações mais antigas vindas das senzalas brasileiras se apresenta por lá com um grupo onde a tradição é passada de geração em geração. Não bastasse isso, Tietê também celebra anualmente a Festa de São Benedito, com irmandades vindas de todo o país para rezar e homenagear o santo que guarda uma relíquia na pequena igreja que há. De cultura caipira então, sobra talento nas mãos do falecido Cornélio Pires, escritor, contador de causos e responsável pela promoção da música sertaneja de raiz nos quatro cantos do Brasil. Tudo isso nesse pequeno local. Entra e sai governos, Tietê continua com sua forma, a praça, a igreja, a ponte e as paisagens quase fixas aos olhos de visitantes esporádicos. Precisei ir para longe dessa terra abençoada pela cultura, estudar fora, morar longe, aprender e viajar para outros lados em busca de algo que talvez já estivesse em mim. Quando ouvi o violeiro Noel Andrade dizer que cultura é aquilo que mesmo sem saber, pulsa profundamente em nossa alma e em nosso ser, comecei ainda lá em Goiás a entender tudo que estava sentindo.

Ver o por do sol, sempre empoeirada pela terra e pelo clima seco naquele lugar criava na minha cabeça uma paisagem única, intensificada ainda mais pelas descobertas e pelo sabores vividos por lá. São Jorge e o evento se tornava um lugar eterno e especial, muito além de entrevistas, belas fotografias e dos motivos iniciais que me levaram até esse lugar.

O Encontro de Culturas me reencontrou com a identidade que talvez eu não sabia ter, ou mesmo que até então não havia valorizado da forma que deveria.

Um Pouco da Programação





Precisei ir longe, subir até mais da metade do Brasil. O lugar era novo, as pessoas eram novas e tudo tinha um sabor de descoberta e identificação. Parecia estar pisando de forma mais verdadeira no país em que nasci, e vivenciando manifestações que intensificam a o sentimento de nacionalidade, a cultura que vem do povo, a dança, a música, a arte e o saber popular.

Glossário

Dar nome aos bois, e outras coisas



Samba de coco

Nascido no sertão pernambucano, o samba de coco ou apenas coco, como ficou conhecido também predomina na região litorânea. Esse estilo musical possui ritmo chamado sincopado.

As músicas são marcadas pela oralidade, e trazem em suas letras o cotidiano, a vida no sertão ou no litoral, o amor e peculiaridades do dia-a-dia. Na roda de coco, a marcação do tempo com palmas sempre acontece, deixando a batida mais contagiante. Há um "tirador do coco" ou "coqueiro" que é quem puxa os versos. A estrutura é de diálogo, sendo o puxador uma espécie de solista e os demais dançantes, o coro da resposta.



Indigenista

A profissão de um indigenista está ligada a luta pela defesa e valorização das comunidades indígenas. Essa pessoa geralmente especializada no estudos dos povos nativos ameríndios contribui para que a defesa dos direitos e a manutenção da cultura degradada há séculos seja preservada.

No Brasil há entidades e ONGs que realizam trabalhos junto a indigenistas em busca de ampliar o respeito e a igualdade pelos povos originários.

Griô

Griô, nome utilizado para a ação nacional de valorização do conhecimento de mestres por meio de políticas públicas e pontos de cultura, a palavra representa uma definição ampla que abrange todos os segmentos da cultura oral e está fundamentada em um termo africano que com o passar dos anos sofreu alterações. Os herdeiros que aprenderam seus ofícios através da sabedoria oral garantem a manutenção da identidade de seus povos. E, essa tradição de transmitir o conhecimento entre as gerações possui características próprias relacionadas à pedagogia, produção e, sobretudo, transmissão dos saberes.

A palavra Griô está diretamente relacionada aos mestres de sabedoria popular. O conhecimento adquirido por eles durante os anos de vida, as histórias e lições que tiveram de seus pais, avós e parentes faz com que cada um seja uma enciclopédia de vida e sabedoria única, não existente em livros, internet ou qualquer outra ferramenta tecnológica que possa existir hoje em dia.

Buriti

A palmeira presente em todo o país se evidencia no bioma do cerrado, sendo consumido em alta proporção pelas pessoas da região. O fruto é utilizado na gastronomia e produz também o palmito, um tipo de farinha e a madeira também possui utilidade. Originária da região de Trinidad e Tobago, mas presente em todo continente sulamericano, se extrai do coqueiro o famoso óleo de buriti. Com usos medicinais, também é utilizado na fabricação de cosméticos e diversas outras funções.

Batuque de Umbigada

O Batuque de umbigada é uma manifestação folclórica que teve início no município de Tietê no período da Colonização (séc. XVII). Se tratava da manifestação onde os escravos celebravam o plantio da Cana-de-açúcar, café, fertilidade do solo, como uma maneira encontrada para amenizar o sofrimento vivido na época.

Nessa dança, o umbigo é o elemento principal, pois na cultura Bantu, o umbigo representa o primeiro contato com o mundo (ventre materno). Os instrumentos são utilizados são: tambu; quinjengue; matraca; guaiá (chocalho). As batuqueiras (mulheres), os batuqueiros se posicionam em fileiras homens de um lado e mulheres do outro. Encontram-se e fazem a marcação dos passos e ao centro lançam seu quadril para frente e dão a umbigada

Pequi

O pequi é um fruto nativo do cerrado brasileiro que está muito presente na culinária goiana. Também se espalha pelo estado de Goiás, Tocantins e Minas Gerais. Seu uso varia desde o tradicional arroz ou frango com pequi, passando pelo azeite e por licores e cachaças com sabor peculiar e interessante. A predominância pelo estado fez nascer o dito popular: “É para acabar com o pequi do Goiás”, associado a grande quantidade, assim como o queijo de Minas Gerais.

Jalapão

Outra região de paisagens peculiares, também dentro do cerrado brasileiro é o Jalapão. A unidade de conservação é considerada a mais importante atração turística do Tocantins. O parque estadual está localizado a leste do estado e ocupa uma área equivalente ao estado de Sergipe.

Nesse local o famoso artesanato de Capim dourado é produzido e chega ao restante do país e ao exterior. Chapadas, cachoeiras, rios de águas cristalinas e muitas belezas fazem desse lugar a principal atração no turismo do estado.

Kalunga

Quilombola

Essa palavra denomina as comunidades constituídas por grupos étnicos negros, rurais ou não, originados dos antigos quilombos, locais onde os negros escravizados constituíam suas vidas longe do aprisionamento da sociedade escravocrata da época. Também chamados de remanescentes das comunidades dos quilombos.

Hoje em dia, ainda há muitos grupos de pessoas com ligações ancestrais de parentesco, terra ou território que ainda vivem de forma isolada de grande parte da sociedade, em comunidades chamadas de quilombola. Em muitas delas, há alto índice de pobreza e problemas sociais trazidos desde os tempos da escravidão.

Catira

Comum no interior de São Paulo e em toda a região da Paulistânia (onde predomina a cultura caipira), a dança catira também é chamada de ceteretê. Essa representação do folclore brasileiro é uma dança onde o ritmo musical é marcado pela batida de mãos e dos pés daqueles que dançam.

Acompanhada por violeiros, a dança se transforma, nos diversos estados em que se faz presente, ainda que, a essência da música e do ritmo permanece.

Xingu

O parque indígena do Xingu é considerado uma das maiores reservas do gênero no mundo. Foi criado em 1961 no governo de Jânio Quadros. Idealizado pelos irmãos Villas Boas durante anos de lutas pela preservação da vida e da cultura dos povos originários, a área compreende cerca de 30 mil quilômetros quadrados.

Inicialmente o local era preservado do contato com objetos do cotidiano do homem “branco”, em busca de manter a vida das comunidades sem grandes alterações. Hoje em dia, apesar das transformações e das constantes lutas pela sobrevivência que chegaram com o avanço da civilização, há 16 etnias diferentes que habitam o local, preservando parte da língua, cultura e do modo de viver ancestral indígena.

